

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Cláudia Hermínia de Sousa Rosa

Lisboa, julho de 2017

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Cláudia Hermínia de Sousa Rosa

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino, sob a orientação do Professor
Doutor José Maria de Almeida

Lisboa, julho de 2017

Agradecimentos

A realização deste relatório resume-se a um trabalho árduo e muita dedicação e empenho. Muitas foram as vezes em que desistir foi uma palavra dominante, pelos mais variados motivos, mas com a ajuda, disponibilidade, conselhos e apoio de muitas pessoas, este sonho foi concretizado.

Queria antes de mais agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho. Sem ele jamais teria sido possível frequentar e terminar o meu ciclo de estudos.

Quero agradecer também a Professora Doutora Maria Filomena Caldeira, pois foi mais que uma professora, preocupou-se, moveu-se e empenhou-se em ajudar e apoiar, muito para além daquilo que um professor tem como dever ou obrigação.

Ao meu querido orientador, Professor Doutor José Maria de Almeida, que com grande esforço aceitou ser meu orientador e só essa atitude já demonstra a pessoa que é. Obrigada por ter acreditado em mim e por nunca me “deixar respirar”, revelando o seu conhecimento e profissionalismo.

A todo o pessoal docente e não docente da Escola Superior de Educação João de Deus, e a alguns professores que já não se encontram na instituição, especialmente, um docente que já não se encontra entre nós.

Apesar de já não estarem entre nós, recordo os meus avós que tanto queriam que terminasse o meu ciclo de estudos e espero que saibam que consegui terminar. Aos meus pais que quando mais precisei deles estiveram presentes e ajudaram da forma que souberam e puderam, assim como a minha irmã e madrinha que sempre acreditaram e me ajudaram. Ao meu irmão e à minha cunhada pela presença nos momentos importantes.

Um muito obrigada, à minha melhor amiga e colega ao longo destes 5 anos de estudos, por todo o apoio, pelas palavras, pela presença, pela ajuda e principalmente por nunca ter duvidado das minhas capacidades. A todas as minhas colegas, tanto na licenciatura como no mestrado e muitas com quem apenas tive contacto na escola ou nos estágios, muito obrigada.

E, por fim, mas não menos importante, um muito obrigada ao homem que esteve sempre comigo, mesmo em dias de sol e praia, estando sempre ao meu lado, ajudando como sabia e no que sabia. Pelas palavras de apoio, que em tantos momentos foram cruciais, pelos gestos, pela ajuda e preocupação, e principalmente por fazer de mim uma pessoa melhor e mais feliz.

Resumo

Este relatório foi elaborado com o objetivo de reunir toda a informação referente ao estágio profissional realizado ao longo do mestrado em Educação Pré-Escolar.

A realização deste relatório pretende relatar, interpretar e refletir sobre as experiências vividas no decurso do estágio profissional, bem como as dificuldades encontradas e a aquisição e partilha de conhecimentos, tanto entre colegas de estágio, como com as educadoras e professoras supervisoras da Escola Superior de Educação João de Deus.

Este relatório está dividido em 4 capítulos. No 1.º capítulo, elaborámos 10 relatos de estágios, com registos de práticas e estratégias desenvolvidas pelas educadoras e por mim. As primeiras 7 narrativas relatam as experiências vividas em sala de atividades com crianças entre os 3 e os 5 anos. Os últimos 3 relatos dizem respeito a atividades realizadas por mim e avaliadas pelas educadoras e orientadoras da prática pedagógica.

No 2.º capítulo apresentamos as planificações realizadas por mim para atividades desenvolvidas em salas com crianças com idades entre os 3 e os 5 anos. Nestas planificações constam as estratégias e recursos utilizados, interpretando com autores e conceitos o sentido, a intencionalidade das mesmas para promover a aprendizagem das crianças.

O 3.º capítulo mostra os dispositivos de avaliação utilizados em 3 atividades realizadas em sala com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Desta forma foi realizada a avaliação dessas tarefas e analisados os resultados da mesma, tentando encontrar um melhor estratégia para que todas as crianças possam aprender.

No 4.º e último capítulo, fazemos a proposta de um projeto elaborado por mim (Ecoliteracia), onde explico e exploro, através da metodologia de trabalho projeto, uma ideia, que melhoraria a condição das crianças, no incentivo à leitura, por estar relacionado com o ambiente e contribuir para a sua sustentabilidade.

A elaboração deste relatório foi muito importante para o desenvolvimento pessoal e profissional, ajudando a refletir sobre as práticas pedagógicas e a sua melhoria contínua.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Prática Pedagógica, Planificação, Avaliação e Trabalho de Projeto

Abstract

This report was elaborated with the purpose of reuniting all the information regarding the professional internship fullfield during the master's degree in pre-school education.

The execution of this report intends to describe, interpret and reflect about the experiences lived during the professional internship, as well as the difficulties found and the acquisition and sharing of knowledge, both between colleagues, as with the educators and the supervisor teachers of the Escola Superior de Educação João de Deus.

This report is divided in 4 chapters. In the 1.º chapter, we elaborated 10 descriptions of internships, with records of practices and strategies developed by the educators and by me. The first 7 narratives describe the experiences lived in the activity room with children between the ages of 3 and 5 years old. The last 3 narratives are about activities performed by me and evaluated by the educators and the guiding teachers.

In the 2.º chapter is the planifications performed by me for activities developed in the classroom with children between the ages of 3 and 5 years old. In this planifications are listed the strategies and resources used, interpreting with authors and concepts the meaning and intentionality of the planifications to promote the children learning.

The 3.º chapter shows the evaluation devices used in 3 activities performed in the classroom with children between the ages of 3 and 5 years old. Thus was performed the evaluation of this tasks and analyzed the results, attempting to find a better strategy so that all the children can learn.

In the 4.º and last chapter, it's a proposition of a project elaborated by me (Ecoliteracia), were i explain and explore, through the work project methodology, an idea, that would improve the condition of children, in the reading incentive, because it is related with the environment and contributes to it's sustainability.

The elaboration of this report was very important for my personal and professional development, helping me reflect about pedagogical practices and it's continuous improvement.

Key words: Pre-school Education, Pedagogical Practice, Planning, Evaluation and Work Project.

Índice

Índice de Quadros	X
Índice de Figuras	XI
Introdução	1
1.1 Identificação e contextualização de estágio profissional.....	2
1.2 Calendarização e Cronograma	3
Capítulo 1 - Relatos de Estágio	5
1.1. Breve síntese do capítulo	6
1.2. Relatos de Estágio	6
1.2.1. Relato de Estágio 1 - 26 de fevereiro de 2016	6
1.2.2. Relato de Estágio 2 - 13 de maio de 2016.....	8
1.2.3. Relato de Estágio 3 - 29 de novembro 2016	10
1.2.4. Relato de Estágio 4 – 20 de fevereiro de 2017	11
1.2.5. Relato de Estágio 5 – 21 de fevereiro de 2017	13
1.2.6. Relato de Estágio 6 – 22 de fevereiro de 2017	15
1.2.7. Relato de Estágio 7 – 23 de fevereiro de 2017	17
1.2.8. Relato de Estágio 8 – 20 de maio de 2016	19
1.2.9. Relato de Estágio 9 – 27 de março de 2017	21
1.2.10. Relato de Estágio 10 – 22 de maio de 2017	23
Capítulo 2 - Planificações	26
2.1. Descrição do capítulo	27
2.2. Fundamentação teórica	27
2.3. Planificações em quadro	28
2.3.1. Planificação de atividades nos 5 anos.....	28
2.3.2. Planificação de atividade nos 5 anos	30
2.3.3. Planificação de atividade nos 4 anos	31
2.3.4. Planificação de atividade nos 4 anos	33
2.3.5. Planificação de atividade nos 3 anos	34
2.3.6. Planificação de atividade nos 3 anos	35
Capítulo 3 - Avaliação	37
3.1. Descrição do capítulo	38
3.2. Fundamentação teórica	38

3.3. Avaliação da atividade do domínio da Matemática.....	39
3.3.1. Contextualização da atividade	39
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	40
3.3.3. Apresentação e análise de resultados	42
Avaliação do domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita	43
3.3.4. Contextualização da atividade	43
3.3.5. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	43
3.3.6. Apresentação e análise de resultados	45
3.4. Avaliação da proposta de atividade do domínio do Conhecimento do Mundo	46
3.4.1. Contextualização da atividade	46
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.....	46
3.4.3. Apresentação e análise de resultados	47
Capítulo 4 – Proposta de uma Atividade através de Trabalho de Projeto.....	49
4.1. Fundamentação Teórica.....	50
4.2. Desenvolvimento do Projeto.....	51
4.2.1. Problema	51
4.2.2. Problemas parcelares.....	52
4.2.3. Destinatários	53
4.4. Entidades envolvidas.....	53
4.5. Estratégias	54
4.6. Objetivos:	54
– Objetivos gerais:.....	54
– Objetivos específicos:.....	54
4.7. Planeamento	55
1.ª Fase – investigação e sensibilização	55
2.ª Fase – trabalho de campo	55
3.ª Fase – intervenção na escola e na comunidade	55
4.8. Recursos	55
Materiais	55
Humanos	56
4.9. Produtos Finais.....	56
4.10. Avaliação	56
1 – Do processo	56
2 – Do produto final	56

4.11. Calendarização do projeto	57
4.12. Considerações Finais	57
Considerações Finais	59
Referências Bibliográficas	62
Anexos	66
Anexo 1 – Dispositivos de Avaliação do domínio da matemática.....	67
Anexo 2 – Dispositivo de avaliação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	69
Anexo 3 – dispositivo de avaliação da atividade da área do conhecimento do mundo	71
Anexo 4 – grelha de avaliação da atividade do domínio da matemática	77
Anexo 5 – grelha de avaliação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	79
Anexo 6 – grelha de avaliação da atividade da área do conhecimento do mundo	81

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma do estágio profissional 1.º e 2.º semestre.....	4
Quadro 2 – Cronograma do estágio profissional 3.º semestre.....	5
Quadro 3 – Planificação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	19
Quadro 4 - Planificação da atividade do domínio da matemática.....	26
Quadro 5 – Planificação da atividade da área do conhecimento do mundo.....	27
Quadro 6 – Planificação da atividade do domínio da matemática.....	29
Quadro 7 – Planificação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	30
Quadro 8 – Planificação da atividade do domínio da matemática.....	31
Quadro 9 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta da atividade do domínio da matemática.....	37
Quadro 10 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.....	40
Quadro 11 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta da atividade da área do conhecimento do mundo.....	43
Quadro 12 – Calendarização do projeto ao longo do ano letivo.....	53
Quadro 13 – Ficha de auto e heteroavaliação do produto final do projeto.....	54

Índice de Figuras

Figura 1 – Resultado da atividade do domínio da matemática.....	38
Figura 2 – Resultado da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.....	41
Figura 3 – Resultado da atividade da área do conhecimento do mundo.....	43

Introdução

O presente relatório de Estágio Profissional corresponde às unidades curriculares de Estágio Profissional I, II e III, referentes ao Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

A frequência no estágio é de extrema importância, uma vez que prepara o nosso futuro profissional e durante esta aprendizagem podemos verificar como são colocadas em prática a teoria adquirida. Podemos também verificar outras formas de trabalhar bem como os diversos materiais que são usados pelas educadoras e professoras e, desta forma, conseguimos visualizar o modo como as crianças reagem e qual o melhor caminho de introduzir os diversos temas.

O estágio profissional é uma mais-valia, pois é o momento onde podemos observar e analisar o que se passa e como devemos agir perante determinadas situações. É lá também que aprendemos o como devemos planificar e gerir as crianças e de que forma devemos abordar o grupo em diferentes situações. O estágio profissional é essencial à formação de educadores e professores, pois é o primeiro contacto que temos com o nosso futuro profissional e é lá também que temos contacto com a realidade educativa e o que ela acarreta.

Segundo Botelho, Pereira e Caldeira (2017):

A unidade curricular de iniciação à prática profissional tem como objetivo principal o desenvolvimento pessoal e profissional de cada estudante, contemplando uma avaliação predominante formativa. Aprender é um processo gradual e o aluno vai reestruturando o seu conhecimento através das atividades que observa, analisa, prepara, vivencia e reflete entre pares, com os orientadores e supervisores. (p.48)

A realização deste relatório de estágio profissional é essencial para a minha formação enquanto futura educadora. Estas reflexões partem das observações feitas durante as práticas pedagógicas vivenciadas em sala de atividades. Para a elaboração do relatório, pesquisámos teorias e conceitos de diferentes autores, que visam sustentar cientificamente as inferências apresentadas.

A elaboração deste relatório de Estágio Profissional é crucial por várias razões: primeiro, é o meio de avaliação para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar, e segundo, ajuda à construção do conhecimento, uma vez que é necessária uma pesquisa intensiva sobre vários métodos, ideias e conceitos, para além de toda a experiência que ganhamos nas salas de atividade. O estágio constitui um tempo de aprendizagem, melhoria, reflexão sobre as práticas letivas, olhando o que se passa na salas com uma visão diferente, partilhando saberes com educadoras cooperantes,

com colegas de estágio e com as professoras supervisoras, num caminho desafiante e de construção permanente.

Neste relatório apresento narrativas de estágio a partir das observações realizadas por mim em salas de atividades.

1.1 Identificação e contextualização de estágio profissional

Ao longo do mestrado, realizei estágio em escolas do concelho de Lisboa. Na primeira fase, que se desenrolou entre 15 de fevereiro de 2016 a 22 de setembro de 2016, às sextas-feiras, foram vivenciados três momentos de estágio distintos na valência da Educação Pré-Escolar: o 1.º momento ocorreu com crianças de três anos; o 2.º momento decorreu com crianças de quatro anos e o 3.º momento, aconteceu com crianças de cinco anos. A partir de 15 de setembro até dia 22 de setembro de 2016, o horário de estágio sucedeu das 9h às 17h. Na primeira semana de outubro realizei um estágio intensivo, no horário das 9h às 17h.

A segunda fase, que se desenrolou entre 10 de outubro de 2016 a 10 de fevereiro de 2017, realizando-se duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, perfazendo um total de 12 horas semanais. Foram vivenciados três momentos de estágio distintos na valência da Educação Pré-Escolar: o 1.º momento ocorreu com crianças de três anos; o 2.º momento decorreu com crianças de quatro anos e o 3.º momento, aconteceu com crianças de cinco anos.

A terceira e última fase desenrolou-se entre 6 de março de 2017 a 7 de julho de 2017, realizando-se duas vezes por semana, às segundas e sextas-feiras, totalizando 12h semanais. Foram vivenciados três momentos de estágio distintos na valência da Educação Pré-Escolar: o 1.º momento decorreu com crianças de 5 anos; o 2.º momento ocorreu com crianças de quatro anos e o 3.º momento, aconteceu com crianças de 3 anos.

A escola onde estagiei situa-se no centro da cidade de Lisboa, numa zona urbana e residencial e tem as valências da Educação Pré-Escolar, do Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, num total de 450 alunos.

No que concerne ao espaço interior, esta escola é constituída por salas de atividades/aulas, um refeitório, uma cozinha, uma sala de multiusos, um ginásio, uma sala de informática, casas de banho e um salão. O salão desempenha duas funções distintas: tem função de sala para dois grupos da faixa etária dos 4 anos de idades e função de refeitório na hora de almoço.

Em relação ao espaço exterior da escola, podemos observar duas zonas de recreio, uma destinada às crianças da Educação do Pré-Escolar, outra para os alunos que frequentam o Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Quanto ao número de alunos, esta escola tem a frequência de duas turmas por cada faixa etária dos 3 aos 12 anos. Relativamente aos recursos humanos, a equipa é constituída por: uma diretora, educadoras, professores do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e professores de Português e História e de Geografia de Portugal e Matemática, no Ensino do 2.º Ciclo do Ensino Básico, professores de Educação Física, professor de Educação Musical, professor de Inglês, docentes de apoio educativo e docentes de atividades extracurriculares. No que respeita ao corpo não docente, é formado por funcionários administrativos, auxiliares de ação educativa, cozinheiras e outras funcionárias.

1.2 Calendarização e Cronograma

O Estágio Profissional decorreu em diferentes escolas na região de Lisboa durante 3 semestres.

O período de estágio decorreu de 15 de fevereiro de 2016 a 07 de julho de 2017, incluindo três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar. Nos cronogramas (Quadros 1 e 2) que apresento, em seguida, é possível visualizar de forma organizada o tempo destinado a cada semestre e as diferentes atividades do estágio profissional.

Quadro 1 – Cronograma do estágio profissional – 1.º semestre e 2.º semestre

		1.º semestre																												2.º semestre																											
		Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho				Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro					Janeiro					Fevereiro									
Semanas		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividades																																																									
Aulas observadas		[Yellow cells indicating activity]																																																							
Aulas programadas		[Yellow cells indicating activity]																																																							
Aulas de vídeo-formação		[Yellow cells indicating activity]																																																							
Orientação tutorial/reuniões da prática pedagógica		[Yellow cells indicating activity]																																																							
Estágio intensivo		[Yellow cells indicating activity]																																																							
Elaboração do relatório de estágio		[Yellow cells indicating activity]																																																							
Pesquisas bibliográficas		[Yellow cells indicating activity]																																																							

Quadro 2 – Cronograma do estágio profissional – 3.º semestre

		3.º semestre																			
		março				abril				maio				junho				julho			
Semanas	Atividades	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
	Aulas observadas	■	■	■	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			
	Aulas programadas				■								■					■			
	Aulas de vídeo-formação				■																
	Orientação tutorial/reuniões da prática pedagógica	■	■	■	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			
	Estágio intensivo																				
	Elaboração do relatório de estágio	■	■	■	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			
	Pesquisas bibliográficas	■	■	■	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			

Este relatório está dividido em 4 capítulos. O 1.º compreende 10 relatos de estágio realizados na prática profissional, estágio, onde estão descritos cada dia de estágio, as atividades realizadas pelas educadoras, bem como referências a situações mais didáticas ou lúdicas, assim como materiais e estratégias utilizadas e que contribuíram, positivamente, para a minha prestação enquanto estagiária e enquanto futura profissional. Dos 10 relatos de estágio, 7 deles são atividades realizadas por diferentes educadoras, e 3 dos relatos descrevem atividades realizadas por mim com as crianças.

No 2.º Capítulo, estão descritas 6 planificações realizadas por mim, para dinamizar diferentes atividades com crianças dos 3 aos 5 anos de idade. Nessas planificações estão atividades relativas ao Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita, ao Domínio da matemática e à área de Conhecimento do Mundo.

Em cada planificação está presente componentes/conteúdos que serão aplicados nas atividades, bem como as estratégias usadas para explorar cada componente/conteúdo e os recursos usados para cada atividade.

O 3.º Capítulo engloba alguns dispositivos de avaliação aplicados - propostas de atividades usadas por mim em atividades que desenvolvi com as crianças em momentos diferentes do estágio.

Finalmente, o 4.º Capítulo é dedicado a um projeto elaborado por mim, para ser aplicado em qualquer escola, com o objetivo de implementar, em todas as bibliotecas de escolas, uma área reservada a literatura ecológica.

Capítulo 1 - Relatos de Estágio

1.1. Breve síntese do capítulo

No decorrer deste capítulo serão descritas as várias observações realizadas ao longo dos três semestres do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Estão relatados 10 momentos de estágio, fazendo inferências e fundamentação teórica científica. Os diversos relatos diários de estágio profissional foram realizados em diferentes escolas, todas localizadas em Lisboa, e em sala de atividades com idades compreendidas entre os 3 e 5 anos.

As narrativas traduzem as observações realizadas, relatando detalhadamente como se processam os dias destas crianças, a forma como são dinamizadas as tarefas diárias, bem como as atividades exploradas pelas educadoras com os grupos, estratégias e materiais usados para trabalhar as várias áreas.

Os relatos resultam das narrativas realizadas durante este estágio, a partir das observações, anotando situações importantes e que possam contribuir para o nosso crescimento como estagiárias, mas também crescer profissionalmente como futura educadora, pois a observação é um instrumento de recolha de dados no estágio profissional, e é através desta que podemos visualizar, interpretar e fazer inferências.

1.2. Relatos de Estágio

1.2.1. Relato de Estágio 1 - 26 de fevereiro de 2016

Neste primeiro dia de estágio, a educadora conversou com as crianças e demonstrou interesse pelas vivências das mesmas. Após a apresentação das estagiárias, a educadora enalteceu a importância de respeitarem as estagiárias da mesma forma que respeitam as educadoras.

De seguida, a educadora distribuiu caixas de madeira com o material *Cuisenaire*, colocou questões ao grupo sobre as regras do material, pediu para associarem a cor ao valor de cada peça. Solicitou ainda que fizessem a escada por ordem crescente até à peça que já tinham aprendido, peça verde escura que vale 6 unidades, e, no final da atividade, chamou algumas crianças para associarem números móveis às peças do *Cuisenaire*.

A educadora realizou um jogo interessante com as crianças, de forma a elaborar a ligação da história lida, Todos no sofá, com o material *Cuisenaire*. A educadora tinha um cubo com as 6 cores do material, e ao lançar o dado a criança tinha que realizar a associação da cor da face do cubo, à cor e valor das peças do *Cuisenaire*. Depois de efetuada a associação, a educadora pediu que cada criança procurasse o número

móvel e corresponde-se a cor da face do cubo, à peça do material Cuisenaire e ao número móvel. No final arrumaram o material e foram ao recreio realizar jogos de roda com a educadora e as estagiárias.

Inferências

Um dos melhores exemplos e melhores atitudes que tive o prazer de presenciar, foi a forma como a educadora recebeu e apresentou as estagiárias às crianças. A cumplicidade e a relação que se cria entre a educadora da sala e as estagiárias, é de extrema importância, pois facilitará, tanto o trabalho da educadora, ao longo do período de estágio, como permitirá às estagiárias, criar e promover um ambiente propício à aprendizagem, e ao desenvolvimento, tanto a nível profissional como pessoal. E de acordo com Durão e Almeida (2017):

A prática pedagógica acompanhada, orientada e refletida permite que o futuro educador/professor desenvolva as competências e atitudes necessárias a um desempenho eficaz, consciente e responsável. É por isso que os professores orientadores da prática pedagógica (supervisores cooperantes) e os supervisores da instituição de formação devem realizar um trabalho conjunto, que é fundamental à formação dos alunos estagiários, que em muito beneficiam da permuta de saberes. (p. 74)

Este tipo de atitudes e esta cumplicidade permitem um crescimento e proporcionam uma melhor relação dentro e fora da sala de atividades, sem nunca esquecer mencionar que as crianças se apercebem de todo este ambiente, e que até para elas é fundamental que exista, de forma a estarem também envolvidas neste processo que acaba por ser benéfico.

No que respeita às atividades desenvolvidas pela educadora em sala, considero importante mencionar a utilização, consistente, do material estruturado Cuisenaire, que tem como objetivo desenvolver várias capacidades nas crianças, possibilitando uma melhor aprendizagem para o futuro.

Segundo Tavares (2014):

Um trabalho de qualidade com as barras Cuisenaire permite desenvolver a atenção, a memória, a imaginação, a criatividade, as capacidades de cálculo mental, de associação, de comparação (igualdade, desigualdade e a relação de ordem), de dedução, a construção de noções matemáticas e a abstração. (p. 31)

Para que este trabalho seja desafiante e tenha importância no desenvolvimento da criança, por vezes é necessário associar este material a outros materiais não estruturados. De acordo com Caldeira (2009), as crianças precisam ter sentido do número, para o poder utilizar de forma diferente no mundo que as rodeia. (p.129)

A associação que a educadora fez com o material estruturado e material não estruturado permite à criança desenvolver capacidades de compreensão, ao mesmo tempo que trabalham as relações entre os materiais e os conhecimentos já adquiridos.

Assim, para Serrazina (1999), todas as crianças e jovens devem desenvolver a sua capacidade de usar a matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar, assim como a autoconfiança necessária para fazê-lo. (p.18)

É importante referir que a educadora teve, ao longo da sua atividade, a preocupação de relacionar o tema da atividade com os diversos conteúdos. À medida que introduzia o material, relacionava o mesmo com a história e passava conhecimentos matemáticos. Podemos então afirmar que a interdisciplinaridade é de extrema importância e como ela, devemos explorar o máximo de conteúdos possíveis, de forma a, permitir à criança, ela própria possa relacionar os temas e trabalhá-los de forma simples e prática. Na mesma linha de pensamento, Fazenda (1994) afirma que:

Acreditando que o conhecimento deve partir do simples para o complexo, do abstrato para o concreto, do real para o imaginário, ressaltamos que a prática interdisciplinar cria oportunidade a tudo isso, através de conteúdos cujos temas desencadeiam trabalhos com diversos enfoques. Sendo o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites, o princípio da diversidade e da criatividade. (p. 38)

O educador deve ter sempre a preocupação de tornar as suas atividades de forma interdisciplinar, não esquecendo a importância dos conteúdos, e a forma como os relaciona, pois a capacidade de articular diversos temas numa só atividade, demonstra a criatividade e a experiência desse mesmo educador.

1.2.2. Relato de Estágio 2 - 13 de maio de 2016

A educadora levou o grupo até à biblioteca da escola, e lá explorou o tema da reciclagem com uma estratégia bastante lúdica e didática.

O grupo estava sentado em roda, e a educadora encontrava-se no centro do grupo, mostrou imagens dos ecopontos e à medida que falava em cada um, colocou no centro um exemplar. Dentro de um saco tinha vários objetos para arrumar dentro dos ecopontos. E foi solicitando a cada criança que o fizesse.

À medida que eram distribuídos os materiais dentro dos ecopontos, a educadora colocava questões relacionadas com o tema da reciclagem, ao mesmo tempo que, colocava questões de cálculo matemático. Falou em unidades, dezenas, pares e dobros. As crianças responderam prontamente às questões e a distribuição dos materiais pelos contentores também foi realizada exemplarmente.

Para finalizar a atividade, a educadora apresentou três folhas de papel onde tinha escrito, verde, amarelo e azul, e pediu às crianças que colassem a folha correta em

cada ecoponto, para verificar que tinham compreendido e identificado as cores de cada um.

Inferências

Na educação pré-escolar é importante abordar várias temáticas, e para que a aprendizagem seja significativa, deve-se fazê-la de forma lúdica e o mais prático possível. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa [OCEPE], 2016):

A área do conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Esta sua curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, e pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, descobrir e compreender. (p. 85)

As crianças desta idade devem ter contacto com “uma abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, o que vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental” (Silva et al., 2016).

A realização deste tipo de atividades práticas com crianças em idade pré-escolar é essencial, uma vez que permite a exploração e a vivência de experiências cruciais, de acordo com Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999):

a aprendizagem requer o envolvimento das crianças em actividades significativas (...) Porém, não adianta ensinar coisas novas de modo expositivo se as crianças tiveram oportunidade de viver experiências concretas sobre as quais essas explicações podem fazer sentido. (pp. 24-25)

É essencial que o educador tenha a preocupação e a audácia de compreender o que a criança já sabe ou conhece sobre o tema que abordamos, pois é enriquecedor que, com as suas aprendizagens, possam desmistificar o que poderá estar incorreto e completar o que possa faltar na construção desse conhecimento. Martins et al. (2007) afirmam que a “identificação das concepções prévias alternativas das crianças é um passo crucial no desenvolvimento de atividades que lhes permitam reestruturá-las de acordo com visões cientificamente aceites para aquele nível etário”. (p.31)

A educadora finalizou a atividade consolidando os conhecimentos das crianças com a demonstração de uma prática do dia-a-dia, e lembrou a importância de fazer a reciclagem nas nossas casas e de termos atitudes ecológicas no nosso quotidiano.

1.2.3. Relato de Estágio 3 - 29 de novembro 2016

Este dia estágio teve início com a questão de uma criança, “Porque flutuam as folhas nas poças de água?”. A educadora aproveitou a questão da criança e iniciou a atividade falando de flutua e não flutua, explicando ao grupo o que significava a palavra e demonstrando com vídeos. Após a explicação, a educadora realizou uma experiência com o grupo. As crianças mostraram-se extremamente entusiasmadas e muito concentradas ouviram com atenção toda a explicação da experiência.

A educadora tinha um recipiente grande, cheio de água e tinha vários objetos para realizar a experiência.

Colocou os objetos em cima da mesa, batatas, rolhas de cortiça, bolas de ping-pong, berlindes e plasticina, ao lado do recipiente com água e distribuiu o protocolo pelas crianças. No quadro colou uma cartolina com a tabela dos resultados onde posteriormente foi possível visualizar, as crianças a registarem o que tinham observado.

No protocolo individual de cada um as crianças elaboraram as previsões do que iria ou não flutuar bem como os resultados. A educadora pediu a cada criança para efetuar uma parte da experiência, para que, todos pudessem participar. As crianças terminaram a experiência muito entusiasmadas e realizaram as conclusões com grande facilidade.

Foi visível que as crianças compreenderam os termos usados bem como questionaram a educadora sobre outros possíveis objetos, com o intuito de saber se flutuavam ou não.

Inferências

Considero muito interessante e de extrema importância a forma como a educadora resolveu a questão da criança. A educadora adotou uma metodologia muito importante, a resolução de problemas, para responder à questão colocada pela criança. A vantagem ou importância de promover a abordagem da resolução de problemas no conhecimento do mundo na educação pré-escolar é a necessidade de fazer com que a “criança detete problemas, saiba decifrá-lo ou descrevê-lo, formule ou planeie hipóteses ou possíveis contagens de resolução” e que, em seguida, as execute para no final avaliar qual a solução para o problema inicialmente identificado. (Thouin, 2010)

Para Silva et al. (2016), é através do conhecimento do mundo que as crianças têm conhecimento de situações que não estão ao alcance delas no dia-a-dia, e é através

de questões que se colocam que chegam a respostas e que adquirem conhecimentos e vivências necessárias e importantes para as suas vidas.

As crianças sentem necessidade de explorar o mundo, de compreender determinados fenômenos. Nestas idades as crianças questionam-se muito e procuram encontrar respostas para as suas questões. Segundo Thouin (2010), qualquer criança sente a necessidade de compreender e explicar o mundo que a rodeia: «Os objetos leves flutuam e os objetos pesados afundam-se». (p. 9)

Se as experiências realizadas em sala de aula estiverem de alguma forma ligadas ao dia-a-dia da criança, isso provocará maior interesse em empenho na criança para a execução da mesma. De acordo com Martins et al. (2009), “as atividades relacionadas com a água proporcionam às crianças um grande número de explorações informais, quando brincam com objetos diferentes no banho e vêem que uns flutuam e outros não” (...). (p.25)

As crianças mostraram-se sempre interessadas e todas quiseram participar, revelando empenho e cooperação entre os colegas e com a educadora. No final, foram as crianças que sentiram necessidade de questionar a educadora sobre a possibilidade de realizar a mesma experiência com outros objetos, demonstrando interesse e curiosidade sobre novas experiências.

Para Sá (1994), cabe ao educador a promoção de experiências para que as crianças desenvolvam competências e aprendizagens significativas:

Numa pedagogia que adopta como um dos seus princípios básicos tomar como ponto de partida as ideias da criança para se promoverem experiências de aprendizagem que permitam o desenvolvimento de ideias mais “científicas”, é fundamental que o professor desenvolva competências que lhe permitam penetrar na mente do aluno. (p. 67)

A educadora mostrou interesse em realizar novas experiências com as crianças e considerou muito interessantes as propostas das crianças. No final, a educadora permitiu às crianças colocarem dentro do recipiente com água alguns brinquedos para que pudessem visualizar se flutuavam ou não.

1.2.4. Relato de Estágio 4 – 20 de fevereiro de 2017

Nesta manhã de estágio, a educadora iniciou as atividades com a leitura do livro “Galinha Ruiva”, mostrando a capa, a contracapa e a lombada e foi identificando cada parte e explicando às crianças. A educadora leu a história com grande entusiasmo e fez inflações de voz, mantendo o grupo sempre interessado e a acompanhar a história.

No final da leitura, a educadora dialogou com as crianças e questionou as mesmas sobre a opinião em relação à atitude da galinha ruiva. Cada criança deu a sua opinião e a educadora mostrou interesse em ouvi-las. Posteriormente a educadora sugeriu ao grupo uma dramatização da história que tinham ouvido. As crianças mostraram interesse e a educadora passou a explicar o que iriam fazer. Depois da explicação, a educadora distribuiu as personagens pelas crianças e as respetivas deixas.

As crianças mostraram-se muito envergonhadas no início e pouco perceptível era a voz das mesmas, mas no decorrer mostraram à vontade e interesse, inclusivamente quando algum se esquecia do que ia dizer outro colega ajudava.

Foi interessante visualizar a partilhar e ajuda mutua entre as crianças. No final da atividade todos foram aplaudidos, e a educadora felicitou todas as crianças e incentivou para mais atividades como a que tinham realizado, pois ficou muito contente com o desempenho e entrega de todos.

Inferências

A educadora escolheu uma obra de António Torrado (A Galinha Ruivo) escrita em 1977. É uma história que tem uma mensagem forte e que leva a criança a pensar e a educadora, pode com a mesma, transmitir diversos valores importantes para a convivência em sociedade. É considerável que se vá incutindo, determinados valores nas crianças a partir de uma certa idade. Para muitos críticos, António Torrado é um exemplo da escrita infantil. Para Pires (1995):

Em 25 anos de vida literária, numa obra que se dilata pelo conto, poesia, teatro, ensaio, ficção, recolha e adaptação de histórias tradicionais, lengalengas, provérbios e adivinhas populares; e ainda, numa actividade mais didática, pela elaboração de livros escolares e livros paraescolares, António Torrado enriqueceu a nossa literatura (e continua a fazê-lo...) com textos de uma grande riqueza imaginativa e estética. (p. 36)

Durante a leitura, a educadora foi expressiva, fez inflexões de voz, cativando a atenção das crianças, permitindo que as crianças interagissem.

Neste grupo de 5 anos, a iniciação à leitura é fundamental, na medida em que a criança deve fazer uma “propedêutica” do ato de ler como nos refere Magalhães (2008):

Junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos, é determinante uma propedêutica do acto de ler. Esta deve visar a aquisição de algumas das competências fundamentais ao acto de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o progressivo domínio espaço-temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória. (p. 61)

Na atividade de leitura desta história, as crianças puderam desenvolver competências linguísticas, a capacidade de memorização e de concentração.

A leitura de histórias deve ser prática comum na educação pré-escolar, uma vez que estimula a criatividade a imaginação e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, promovendo o gosto pela leitura.

A dramatização das histórias é também uma forma de criar um ambiente positivo e de crescimento entre as crianças. De acordo com Jolibert (1984), cada criança pode pedir auxílio a um colega ou a um grupo para confirmar ou anular uma hipótese (...). (p. 85)

Desta forma podemos afirmar que, o facto da educadora ter criado este ambiente para as crianças e promover estas atividades é importante, não apenas para o seu desenvolvimento pessoal, mas também para melhorar as suas aprendizagens, pois aprender em grupo é também uma forma de evolução.

1.2.5. Relato de Estágio 5 – 21 de fevereiro de 2017

A educadora chegou à sala de atividades, e dirigindo-se ao chefe de sala, pediu que ordeiramente, distribuiu-se o material manipulável estruturado Calculadores Multibásicos. Após a distribuição do material, a educadora lembrou as regras do mesmo e iniciou a atividade. Questionou as crianças sobre unidades, dezenas e centenas, e realizou exercícios, à vez, cada criança foi representar, no quadro as operações. Recordou o jogo das torres na base 10, para aprofundar com todo o grupo às operações.

A educadora foi relacionando as operações do material com temas abordados anteriormente, com o números de peças de fruta que descascaram na atividade, para fazer a salada de frutas, falando de metades, quartos, dobros e pares.

Quando as crianças demonstravam dificuldade em realizar algum exercício, a educador sugeria que com a ajuda das flores, material manipulável não estruturado, chegassem ao resultado. Passando assim do cálculo abstrato, para o cálculo concreto.

É importante referir que a educadora ajudava sempre a criança a atingir o resultado no abstrato, pois é neste que a criança cria um bom pensamento matemático, e assim desenvolve mais facilmente o raciocínio matemático. Quando a criança não consegue chegar ao resultado no abstrato, a educadora ajuda a criança, com outros materiais feitos por ela, para que a criança consiga chegar ao resultado no concreto.

Terminada a atividade, a educadora pediu às crianças que arrumassem o material, sendo notório que as crianças estão habituadas a fazê-lo, pois realizaram-no com calma e grande organização.

Inferências

Os calculadores multibásicos são um material manipulável estruturado que tem como objetivo principal que o aluno “explora atributos, faça comparações e associações, contagens, ordene, jogue, compreenda o sistema decimal, leitura de números, operações e situações problemáticas”. (Caldeira, 2009)

De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010):

Os calculadores multibásicos são um material manipulável estruturado, composto por placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor, que resultam dos agrupamentos efectuados, atendendo ao código de cores negociado entre o professor/educador e os alunos e, posteriormente adoptado por todos. (p. 40)

As crianças mostraram entusiasmo quando a educadora pediu para irem buscar o material, e assim que começaram a trabalhar, estiveram muito concentrados e empenhados em resolver o que lhes era pedido. Para Moreira e Oliveira (2003), “os materiais manipulativos ajudam as crianças a entenderem conceitos e processos através da aplicação prática e concreta das ideias que aprendem”. (p. 320)

Quando realizou o jogo na base 10, achei interessante a forma como para aquelas crianças é fácil compreender o sentido de número, segundo Caldeira (2009), “quando falamos de crianças em idade pré-escolar, o sentido de número, é o processo que permite a aprendizagem e a compreensão dos diversos significados e utilizações dos números e a forma como eles estão interligados”. (p. 203)

A utilização dos materiais não estruturados pelas crianças foi pertinente, uma vez que, ajudava as crianças que sozinhas não eram capazes de realizar raciocínio abstrato, e segundo Ponte e Serrazina (2000), convenientemente orientada, a manipulação de material pelos alunos pode facilitar a construção de certos conceitos. (p. 116)

É fundamental que em idades pré-escolar a prioridade da educadora seja estruturar as crianças, com conceitos e capacidades necessárias para o seu futuro. A importância do sentido de número é crucial nestas idades, pois de acordo com Serrazina (1999), a compreensão dos números e do sistema de numeração constitui o alicerce sobre o qual a maioria das capacidades matemáticas é construída. (p. 47)

É importante que a educadora consiga desenvolver as crianças intelectualmente, pois está intimamente ligado ao pensamento matemático, desta forma, a educadora deve promover atividades lúdicas e que apelem ao desenvolvimento do raciocínio, para que consiga desenvolver na criança o pensamento matemático.

Zabalza (1987) afirma que “o desenvolvimento intelectual está também ligado ao pensamento matemático, enquanto capacidade crescente de manusear símbolos e de desenvolver e manipular representações abstratas da realidade”. (p. 46) Podemos então afirmar que a aprendizagem da matemática deve ser feita de forma lúdica para que os resultados sejam positivos, tanto para o professor como para as crianças. Para promover um bom raciocínio matemático, a educadora deve fazê-lo, inicialmente, no abstrato, posteriormente, no caso de encontrar dificuldades, no concreto, para que não restem dúvidas e a criança consiga sempre chegar ao resultado da operação.

1.2.6. Relato de Estágio 6 – 22 de fevereiro de 2017

A educadora chegou à sala de atividades e distribuiu uma folha de papel quadrada a cada uma das crianças e solicitou-lhes que unissem vértice com vértice, e questionou com que figura tinham ficado após a dobragem. Após ouvir as respostas, pediu que dobrassem o papel ao meio, de forma a ficarem com a figura retangular. Foi questionando as crianças, com que outro material poderiam criar diferentes formas de figuras geométricas. No final de ouvir todas as hipóteses, solicitou aos chefes de cada fila, que fossem buscar o material *Geoplano* e os elásticos para realizarem a atividade.

A primeira tarefa que solicitou ao grupo foi que dividissem o *Geoplano* na mediana vertical e a educadora questionou as crianças em quantas partes ficou dividido o *Geoplano*. Perguntou, depois, que figura geométrica fazia lembrar o que estava dividido e, em seguida, pediu para somarem os retângulos formados por vários colegas e assim foi elaborando outras questões de raciocínio lógico.

A educadora pediu que dividissem o *Geoplano* em 4 partes iguais e foi questionando as crianças de que forma o poderiam fazer. Atentamente, foi ouvindo as respostas das crianças e as possibilidades sugeridas. Após terem elaborado a divisão, a educadora pediu às crianças que colocassem duas flores no canto superior esquerdo e depois pediu as crianças para elaborarem uma fração que pudesse representar o que estava no *Geoplano*.

A educadora solicitou que colocassem mais 2 flores no canto inferior esquerdo e questionou as crianças que fração teriam agora. As crianças resolveram a questão facilmente. No final da atividade, a educadora pediu que guardassem o material utilizado nesta atividade.

Inferências

Nesta atividade do domínio da matemática, a educadora pretendeu que as crianças trabalhassem situações para aprender a divisão, com recurso ao material manipulável estruturado Geoplano. Para Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010):

O Geoplano é um material manipulável estruturado, criado por Caleb Gattegno, constituído por tabuleiros e pregos (pinos), com uma determinada disposição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só mais aliciante com também proporciona uma maior objetividade na exploração dos conteúdos programáticos. Este material oferece um apoio na representação mental de figuras geométricas permitindo “fazer” e “desfazer”, com facilidade, figuras e observá-las em várias posições. (p. 87)

Foi visível verificar que a maioria das crianças revelou grande facilidade em manusear o material. Existiam também crianças com algumas dificuldades em contar os espaços e em realizar figuras geométricas.

Interessante também foi visualizar a forma como a educadora iniciou a atividade, não começando pelo material manipulável estruturado, mas sim, por uma simples folha de papel quadrada e daí fez com que as crianças chegassem ao material que iriam explorar ao longo da atividade. Segundo Botas (2008), o material não estruturado é aquele que ao concebido não corporizou estruturas matemáticas, e que não foi idealizado para transparecer um conceito matemático, não apresentando, por isso, uma determinada função, dependendo o seu uso da criatividade do professor. (p. 27)

Este material permite criar figuras geométricas da mesma forma que desenvolve nas crianças o sentido espacial que permite comparações entre figuras e trabalha as diferentes orientações. Ponte e Serrazina (2000) afirmam que o Geoplano é um material que tem tarefas que requerem sentido espacial são, por exemplo, a comparação de duas figuras com diferentes orientações, o reconhecimento da simetria de certas figuras e a relação entre um retângulo e um paralelogramo com lados com o mesmo comprimento. (p. 167)

A educadora explorou, com as crianças, as formas geométricas e dividiu o Geoplano em várias partes, utilizando o material para trabalhar a divisão e as frações, pois, de acordo com Ponte e Serrazina (2000), as crianças devem ser desafiadas a resolver problemas de divisão através dos seus próprios processos, com o auxílio de materiais manipuláveis ou não. (p. 154)

A educadora utiliza este material para diversas aprendizagens e as crianças mostram sempre grande facilidade em manuseá-lo e em grande interesse em resolver aquilo que é pedido pela educadora.

Quer isto dizer que a educadora é responsável por criar uma aprendizagem produtiva de forma a criar nas crianças atitudes, face as atividades, positivas e fáceis

de proporcionar uma boa aprendizagem. Na mesma linha de pensamento, Arends (1995) afirma que construir contextos de aprendizagem produtivos – locais onde os alunos tenham atitudes positivas para consigo e o seu grupo de turma e onde demonstrem um elevado nível de motivação para o sucesso e envolvimento nas tarefas escolares. (p.121)

As crianças estão muito familiarizadas com a utilização de materiais manipuláveis estruturados, bem visível pela forma como aderem às atividades e sentem felicidade ao responder aos desafios da educadora.

1.2.7. Relato de Estágio 7 – 23 de fevereiro de 2017

A educadora iniciou este dia de atividades com a distribuição de revistas às crianças. Solicitou que identificassem palavras que soubessem ler e que compreendessem o seu significado, com o intuito de elaborarem uma frase com as palavras. No final de construir as frases, a educadora solicitou que elaborassem um desenho, para ilustrarem a proposta de atividade.

Enquanto decorria realização da proposta de atividade, a educadora levou um grupo de crianças à cartilha. Na cartilha a educadora identifica a lição em que a criança vai e relembra sempre o último valor da letra que ficou, apresentando um novo valor, ou letra consoante o caso. Depois de todas as regras da letra explicadas, a criança consegue, sempre, ler a palavra demonstrando, grande facilidade.

Repete o mesmo método por cada criança e vai trocando os grupos à medida que as crianças vão aprendendo as lições. No final de cada palavra lida, a educadora pede que a criança construa uma frase simples com a palavra que acabou de ler. Esta estratégia tem como objetivo compreender se a criança compreendeu o que leu ou não. Se construir uma frase com sentido, então a criança compreendeu o que leu, e a educadora tenta sempre manter um diálogo com a criança sobre a frase que esta construiu. É interessante visualizar esta aprendizagem, uma vez que, mesmo depois de terem lido palavras, as crianças, quando chega a vez de outro colega, ficam atentas e mantêm o interesse pelo processo de aprendizagem.

Depois de todos os grupos de crianças terem ido ler a sua lição à cartilha, a educadora chamou uma criança, à vez, para ir ler a frase que tinha construído, falar sobre a frase e mostrar o seu desenho aos colegas. A educadora quis ouvir todas as crianças e compreender o porquê de terem escolhido aquelas palavras para construir aquela frase e falou da frase e do desenho com cada uma individualmente.

Todas as crianças quiseram participar na atividade e na partilha da sua frase e mostrar o seu desenho aos colegas. Mostram assim que gostaram da atividade e que gostam de manter diálogo, sem vergonhas, em frente aos colegas.

Inferências

A Cartilha Maternal é um método de iniciação à leitura. Para Deus (1997), por método entendemos o conjunto de processos e meios que possam facilitar a aquisição do ato de ler (p. 7).

A Cartilha Maternal é um método de iniciação à leitura, lúdico, que tem como base o método João de Deus que consiste numa descoberta de valores e regras a aplicar num jogo que as crianças vão gradualmente descobrindo e aplicando. (Deus, 1997)

O educador deve ensinar às crianças as regras de cada lição, pois quando a criança lê a palavra, põe em prática, todas as regras que adquiriu anteriormente.

De acordo com Ruivo (2009), cada lição está impregnada de informação para o professor e a partir das palavras escolhidas para cada lição é possível ensinar a ler, desde que o professor domine toda a informação, que nada mais é do que o domínio da estrutura da língua portuguesa. (p. 118)

Na mesma linha de pensamento, também Silva et al. (2016) afirmam que o papel do educador é fundamental neste processo, ao criar ambientes promotores de envolvimento com a leitura e a escrita, que levem ao desenvolvimento de atitudes e disposições positivas relativamente à aprendizagem da linguagem escrita. (p. 71)

Também Deus (1997) afirma que “o educador/professor deve dar lições curtas e claras todos os dias durante o ciclo de aprendizagem”. (pp. 92-93)

As regras devem ser bem explicadas de forma a facilitar uma leitura bem compreendida de forma lúdica para que o aluno aceda ao código linguístico. (Deus, 1997)

A educadora dispensa o tempo necessário com cada criança, as crianças estão divididas em grupos consoante a lição em que estão, e é visível que o tipo de estratégia utilizado pela educadora é funcional e prática, tanto para as crianças que estão na Cartilha Maternal a aprender novas lições ou a relembrar lições já dadas, como as crianças que estão sentadas e a trabalhar a escrita ou mesmo com materiais lúdicos para treinar a leitura. Nesta sala pude constatar que a educadora permite e incentiva a que as crianças falem sobre o que fazem e conversem entre elas e demonstrem aos colegas o que fazem e como fazem.

A educadora promove com grande frequência diálogos na sala, sobre diversos temas, e faz questão que quem queira partilhar experiências ou tenha dúvidas as partilhe, para que todos participem.

Na mesma linha de pensamento, Hohmann e Weikart (1997) afirmam que:

Quando as crianças se sentem à vontade e são estimuladas a conversar sobre experiências com significado pessoal usam a linguagem para lidar com as ideias e com os problemas concretos que, do seu ponto de vista, são realmente importantes. Ao comunicarem aprendem que a forma pessoal de se expressarem é eficaz porque os outros as ouvem e respeitam aquilo que elas dizem. (p. 40)

Foi muito importante, enquanto estagiária, compreender que o facto de permitir e incentivar as crianças a dialogarem entre elas e para o grupo, deixa as crianças mais à vontade e com um melhor discurso e forma de se expressarem. Estas crianças que são estimuladas neste sentido, não têm problemas em colocar questões e só ficam saciadas, quando as veem resolvidas. São crianças com discursos interessantes, leitoras, a maioria anda sempre com um livro na mão, e quando não conseguem ler uma palavra, pedem ajuda à educadora ou às estagiárias.

1.2.8. Relato de Estágio 8 – 20 de maio de 2016

Neste dia de estágio realizei a minha primeira aula avaliada com o tema, meios de comunicação. Dei início às atividades, no ginásio da escola, com um pequeno telefonema onde nos eram oferecidos bilhetes para ir a um museu.

Questionei o grupo que meios de comunicação conheciam, falei sobre alguns que as crianças não referiram e questionei o grupo se já tinham ido a museus e se sabiam as regras de ir a um museu.

No envelope, entregue por uma colega de estágio, tinha convites para todas as crianças. Relembrei as regras para visitar um museu e como se deveriam comportar dentro do mesmo. Elaborei um comboio e coloquei os convites a cada criança e dei início à visita ao museu dos meios de comunicação, criado no ginásio da escola.

Após atravessarem uma porta, feita em papel de cenário, as crianças começaram a observar o que estava no museu. Tinha 5 mesas altas e, em cima de cada mesa, tinha meios de comunicação antigos até aos mais recentes. As crianças perceberam que existiam elementos que não conheciam, mas rapidamente fizeram a ligação e compararam os objetos mais antigos com os mais recentes. Existiam cartas e jornais antigos e mais recentes assim como telemóveis e telefones antigos e outros mais recentes. As crianças foram fazendo comparações entre os meios de comunicação e verificando as diferenças no tempo.

No final da visita ao museu dos meios de comunicação elaborámos equipas e foram convidados a realizar puzzles de meios de comunicação em tamanho A1 de forma a entender se as crianças reconheciam os meios de comunicação abordados ao longo da visita de estudo. O primeiro grupo a terminar ganhava o jogo. As crianças mostraram rapidamente que reconheciam os meios de comunicação e foi com grande entusiasmo que realizaram a atividade.

Inferências

O objetivo principal desta atividade era que as crianças tivessem contacto com a ida a um museu. Não sendo isso possível, foi improvisado, por mim, um museu de meios de comunicação, no ginásio da escola, para promover a ida aos museus e para despertar a curiosidade e o interesse pelo tema. Para Silva et al. (2016):

A importância dos meios tecnológicos e informáticos no conhecimento do mundo, próximo e distante, e no contacto com outros valores e culturas faz com que a sua utilização no jardim de infância seja considerada como um recurso de aprendizagem. Deste modo, contribui-se também para uma maior igualdade de oportunidades, uma vez que o acesso das crianças a estes meios poderá ser muito diverso. (p. 93)

A experimentação da visita a um museu deixa as crianças mais recetivas ao tema abordado ao longo da visita, os meios de comunicação, desde os primeiros aos mais recentes. As crianças puderam visualizar e concretizar, o antes e depois dos meios de comunicação que existem.

Para Guapo (2006), os museus são insubstituíveis na fase mais importante do processo cognitivo: o início. Transformando a indiferença na vontade de aprender, estimulando o conhecimento científico, o método científico e também as opiniões acerca da ciência. (p. 25)

As crianças devem ter contacto com o maior número de experiências e vivências diferentes, ainda em idade pré-escolar, pois é nesta altura que estão a descobrir o mundo e a questões e dúvidas surgem. Nesta linha de pensamento Martins et al. (2009) afirmam:

No jardim de infância, devem vivenciar situações diversificadas que, por um lado, permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência. (pp. 12-13)

Na construção dos puzzles, as crianças demonstraram grande facilidade em partilha e em ajudarem-se mutuamente. Tornou-se assim acessível a construção dos diversos puzzles sobre os meios de comunicação e, sempre que terminavam os puzzles, tentavam ajudar os restantes grupos a terminar.

Vigotsky (1995, citado por Alsina, 2004) considera que o jogo promove o conhecimento dos objetos e do seu uso, o conhecimento de si próprio e também dos outros. (p. 6)

Podemos afirmar que é importante que as crianças vivenciem este tipo de experiências nestas idades, pois permite alcançar e desenvolver aprendizagens e capacidades essenciais ao seu desenvolvimento. Dentro do jardim-escola permite que todas as crianças tenham acesso às mesmas coisas e assim possibilite existir igualdade na aquisição de conhecimentos.

1.2.9. Relato de Estágio 9 – 27 de março de 2017

Neste dia de estágio, na sala de 5 anos, as atividades foram realizadas por mim, e o tema abordado foi aves domésticas, tendo escolhido o pato para explorar o tema. Iniciei as atividades com as crianças, mostrando às mesmas um animal verdadeiro, o pato, com o qual as crianças puderam brincar, mexer, fazer festinhas, pegar e puderam vê-lo nadar dentro de um recipiente com água temperada para o efeito.

Pudemos comprovar várias informações dadas anteriormente, tais como o revestimento do corpo, o tipo de bico, que é o único animal que nada, voa e anda e pudemos comprovar também que o tipo de revestimento não é sempre igual. Quando bebês, os patos têm um tipo de pelo e depois quando o crescimento é que nascem as penas e se desenvolvem as asas ao ponto de poderem voar.

Terminei o dia de atividades com a distribuição de penas de várias cores e tamanhos ao grupo e pedi que, com as penas, fizessem o desenho livre, mas que incluíssem as penas nos seus desenhos. À medida que terminavam os desenhos, individualmente, pedi a cada um que viesse junto a mesa central onde tinha cartões rosas e azuis, para as meninas e para os meninos, e uma pena grande com ponta fina, mergulhada em tinta-da-china. Pedi que cada um escrevesse o seu nome nos cartões e informei que antes de existir as canetas e os lápis que hoje conhecemos, as pessoas escreviam com penas e tinta em frascos, como eles estavam a fazer. As crianças demonstraram grande entusiasmo em realizar a atividade proposta e fizeram diversas perguntas sobre o material, o sobre que utilizava e quando é que se utilizava. Uma das crianças já conhecia o material, pois o seu avô materno tinha em casa, no seu escritório, mas a criança disse que o avô já não usava. Foi interessante realizar toda a atividade, e verificar que as crianças também gostaram e participaram ativamente.

Inferências

Ao realizar esta atividade com as crianças, foi notável que é de extrema importância que tenham contacto com animais domésticos, pois na maioria dos casos as crianças não têm possibilidade de obter este tipo de vivências, aliás, a maioria das crianças nunca tinha visto um pato verdadeiro, e as restantes, viram mas nunca tinham tocado ou pegado ao colo, de acordo com Luís (2013):

Como é de conhecimento comum, os animais têm uma importante presença no dia-a-dia das crianças e desde muito cedo estas têm uma relação muito estreita com estes. Torna-se importante trabalhar com as crianças a temática dos animais, uma vez que esta permite desenvolver sensações, tais como: a linguagem do seu próprio corpo, a consciência do mundo e de si próprio. A criança toma consciência do mundo que a rodeia, conhece e estabelece relações quando convive com animais. (p. 4)

Em relação à expressão plástica, considerei importante abordar a área nesta atividade, uma vez que queria saber o resultado de apenas com uma pena as crianças poderem criar algo relacionado com a atividade. De acordo com Gesteiro (2013), a Expressão Plástica poderá ser um recurso educativo essencial nesta área, já que permite à criança vivenciar situações de identificação com o seu próprio trabalho e desenvolver competências de autoexpressão. (p. 39)

As crianças mostram sempre grande entusiasmo em desenvolver atividades artísticas, gostam de pintar, desenhar, recortar, colar e rasgar. Oliveira (2001) considera importante a expressão plástica no currículo da educação pré-escolar e afirma que:

A educação estética e artística vem demonstrar a importância que esta desempenha no desenvolvimento global da criança, nomeadamente no desenvolvimento das suas capacidades expressivas, afetivas, lúdicas e cognitivas, contribuindo de forma decisiva para a formação pessoal e social do indivíduo. (p. 37)

E é dever dos educadores desenvolver este tipo de atividades com eles, uma vez que desenvolve imensas capacidades e destrezas. Na mesma linha de pensamento, Silva et al. (2016) afirmam:

Na educação artística, a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversas manifestações artísticas de diversas épocas, culturas e estilos, de modo a incentivar o seu espírito crítico perante diferentes visões do mundo. (p.47)

Por todas estas razões achei interessante abordar o tema da educação artística e pertinente, já que era uma atividade com o animal pato, porque não usar a pena para escrever como na antiguidade, como os grandes poetas e escritores começaram e trazer essa informação para as crianças. Eles adoraram e foi uma experiência enriquecedora.

1.2.10. Relato de Estágio 10 – 22 de maio de 2017

Neste dia de estágio, as atividades foram realizadas por mim, com a dinamização do tema sobre a Segurança Rodoviária, e elaborei atividades que abordassem o tema para que as três grandes áreas estivessem interligadas.

Realizei a leitura de uma história, em rima, sobre o tema e através do *PowerPoint*, identificamos as palavras difíceis e expliquei o significado de cada uma às crianças. E no final da explicação, questionei o grupo se a história que eu contei, era igual às que estavam habituados a ouvir e as crianças disseram que não. Então expliquei o porquê. A história estava em rima, explicando às crianças o que era a rima e demonstrando exemplos com palavras mais acessíveis para estas idades.

No final informei as crianças que tinha feito uma rima para eles, e repeti algumas vezes até que decorassem. Eles adoraram e decoraram muito facilmente. Mostrei imagens de sinais de trânsito para dar a conhecer às crianças os mais importantes. Relembrei regras de segurança a ter nas estradas e dentro do carro quando vão em viagem. No final da explicação realizei uma atividade em grupo. As crianças tinham um painel, elaborado por mim, que era uma cidade, com estradas e passadeiras e edifícios, e, em grupo, as crianças tinham que colocar os sinais de trânsito nos locais corretos, com a minha ajuda.

Para finalizar as atividades, as crianças tinham puzzles para montar, em grupo, com o intuito de consolidar o tema abordado ao longo das atividades. As crianças estiveram sempre muito interessadas, adoraram preencher o painel com os sinais de trânsito e ficaram muito entusiasmadas com a realização dos puzzles.

Foi uma atividade muito interessante, que me proporcionou muito prazer. Na leitura do texto e explicação de que era um texto em rima, a explicação não foi bem realizada, mas aproveitei os exemplos, para que as crianças conseguissem compreender o que eram rimas.

Inferências

Com o desenvolvimento da atividade sobre o tema da segurança rodoviária, foi compreensível que as crianças já se encontram informadas sobre o mais importante e foi também visível que os pais são os responsáveis juntamente com o apoio das educadoras e da escola em si. Existem temas que são mais propícios a brincadeiras, e a segurança rodoviária, apesar de ser de extrema importância e exigir ser abordada de forma concisa e séria, permite ao mesmo tempo deixá-los explorar e brincar. De acordo com Vygotsky (1991):

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, o nível actual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz. (p. 97)

Para desenvolver este tema e criar uma atividade apelativa às crianças é essencial que a criança não só possa brincar, mas captar os conceitos mais importantes e tomar consciência da importância do mesmo. Desta forma Martins et al. (2007) afirmam que:

As tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças, sobretudo para as mais novas, como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior, aspecto crucial para o desenvolvimento do próprio pensamento, conforme comprovado por Piaget. Mas também, é necessário questionar, refletir, interagir com outras crianças e com o professor e responder a perguntas. (p. 38)

A educação rodoviária tem de ser explorada e deve ser abordada de forma séria e consciente, uma vez que é um tema importante para a segurança deles e dos demais. As crianças mostram interesse pelo tema e adoram ver situações corretas e incorretas para poderem dar a sua opinião. De acordo com Carvalho e Nunes (2012):

Poder-se-á definir a Educação Rodoviária como um processo de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades que visa a formação do cidadão, enquanto passageiro, peão e condutor. Pretende-se assim promover a integração segura do indivíduo em ambiente rodoviário, o que pressupõe uma atitude crítica e participativa que implica não só a escola e a comunidade educativa mas toda a sociedade. (p. 4)

A exploração das diversas áreas na educação pré-escolar é essencial para o desenvolvimento da criança da mesma forma que a manipulação de diferentes materiais cria e desenvolve na criança, aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento.

A realização dos puzzles, por exemplo, constitui uma abordagem da educação artística e do desenvolvimento da memória e da motricidade fina. Considero importante a interdisciplinaridade entre o tema abordado e as áreas exploradas. As crianças gostaram e considero que adquiriram os conceitos mais importantes ao mesmo tempo que puderam brincar e explorar os diversos materiais que levei, todos relacionados com o tema. Ao realizarem a atividade de colocar os sinais de trânsito no painel da cidade, as crianças recordaram momentos em que andaram na rua e compararam ao painel que tinham à frente, realizando uma simulação do seu dia a dia. Desta forma é importante que as crianças experienciem várias atividades, onde o conhecimento esteja presente, mas também, que possa efetuar a “ponte”, para as suas realidades e com isso ajudar na construção do conhecimento.

Na mesma linha de pensamento Zabalza (1987) afirma que:

Na linha perfilhada para abordar a educação infantil e as experiências de aprendizagem que têm lugar no seu seio, o sentido geral da acção didáctica não é tanto o adquirir novos conhecimentos, como o de produzir um desenvolvimento integral. Desenvolvimento que inclui, certamente, a aquisição de novos conhecimentos, embora dentro de um conjunto muito mais amplo de elementos. (p. 161)

Desta forma podemos referir que as crianças, ao realizarem atividades lúdicas e didáticas, devem obviamente adquirir conhecimento, mas também, cabe ao educador, desenvolver e promover regras, valores, deveres, atitudes, e criar um ambiente propício para que possa desenvolver essas mesmas dimensões de forma clara e concisa, para que compreendam e possa colocar em prática, no seu dia-a-dia. A criança deve compreender que vive em comunidade, mas deve dar conta também que existem regras e deveres que devem ser cumpridos e respeitados.

Capítulo 2 - Planificações

2.1. Descrição do capítulo

Este capítulo destina-se a explorar o significado de planificar, para que serve e de que forma se deve fazê-lo, fazendo inferências e fundamentação teórica sobre o mesmo. Este capítulo está organizado com 6 planificações das três grandes áreas para idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Cada planificação destina-se a explorar um área ou domínio do currículo da educação pré-escolar, e em cada uma delas, estão expostas estratégias, elaboradas por mim, com o intuito de desenvolver as aprendizagens e criar ambientes propícios a explorar diversos temas. Em cada planificação podemos encontrar componentes que são selecionados através das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e aplicadas aos objetivos a que me proponho. Após selecionar os componentes, é importante encontrarmos estratégias apropriadas, para desenvolver o tema, de forma a ser bem recebido pelas crianças. Os recursos são materiais essenciais ao desenvolvimento das atividades e, muitas vezes, cruciais para que a atividade funcione e seja lúdica e didática, para que as crianças tenham uma aprendizagem simples, clara, mas acima de tudo concisa.

2.2. Fundamentação teórica

Planificar é algo essencial para qualquer professor/educador, pois é através das planificações que se organizam as atividades que desejamos ver realizadas com as crianças. Para planificar é necessário estabelecer um objetivo, escolher um tema para explorar com o grupo, e desde logo organizar de forma a trabalhar o máximo de componentes e conteúdos daquele tema.

Para planificar é necessário que o professor/educador esteja munido de informações, tanto sobre o grupo como sobre o tema a ser explorado pelo mesmo com as crianças. Planear, segundo Silva et al. (2016), é:

Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas. (p.15)

O educador/professor tem como principal objetivo planear e organizar as atividades a realizar com o grupo. Mas para isso é necessário que tenha conhecimentos prévios sobre os mesmos, para que possa executar atividades em que as crianças possam, primeiramente, desenvolver capacidades e destrezas que já tenham iniciado a aquisição, e posteriormente adquirir novos conhecimentos e novas capacidades e destrezas.

Conforme afirmam Ribeiro & Ribeiro (1990), um plano inclui, necessariamente, objetivos e conteúdos de ensino – o que se planeia ensinar – e pode, ainda, incluir métodos e experiências – o como se planeia ensinar – sobressaindo, neste aspeto, a ordem ou sequência em que se vai ensinar. (p. 51)

É o conjunto de todos os conhecimentos, os prévios e os novos que ganha uma relevância junto de quem ensina e planeia, pois com o planeamento, o educador/professor, explora algo que terá importância e significado na vida daquelas crianças, e que de alguma forma trará coisas novas e importantes para o seu futuro.

A arte do planejar não é uma tarefa fácil de executar. É indispensável que haja um trabalho árduo da parte do educador/professor, pois a planificação é vital para o ensino e interação com todas as funções executivas do professor. Outras funções da planificação do professor incluem a decisão do tempo de instrução atribuída a crianças individualmente ou em grupos, a constituição dos grupos, a organização de horários diários, semanais e trimestrais, a compensação de interrupções alheias à sala de atividades e a comunicação com professores substitutos. (Clark & Lampert, 1986, citado em Arends, 1995, p.44)

A investigação também aponta para o facto de que o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e atividades não direcionados, embora existam, como terá oportunidade de verificar, certos tipos de planificação que podem conduzir a resultados inesperados. (Arends, 1995)

2.3. Planificações em quadro

2.3.1. Planificação de atividades nos 5 anos

Quadro 3 – Planificação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

PLANO DE AULA / ATIVIDADE			
Faixa Etária: 5 anos Data: 22 de setembro de 2016		Estagiária: Cláudia de Sousa Rosa Ano: 19 - 2º semestre Turma: MEPE Nº: 11	
ÁREA: Expressão e Comunicação		Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Hora	Componentes	Estratégias	Recursos
09h30/9h50	<ul style="list-style-type: none"> Consciência linguística Abordagem à escrita 	<ul style="list-style-type: none"> Distribuir folhas A4 com espaços para que as crianças possam construir as palavras nos seus lugares, e trabalhar as mesmas no quadro; Questionar as crianças se conhecem alguma das letras presentes nas palavras; Utilizar letras vogais para questionar as crianças se alguma das letras está presente no seu nome e qual? – (reconhecimento das letras); Fazer exercícios de leitura, na cartilha com algumas crianças; 	<ul style="list-style-type: none"> Folhas A4; Letras móveis.

A planificação acima (Quadro 3) refere-se a uma atividade realizada nos 5 anos e tem como objetivo desenvolver a consciência linguística e a abordagem à escrita.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), consciência linguística é:

Estas e outras formas de exploração de sons e de palavras levam a que as crianças se comecem a aperceber que a língua é não só um meio de comunicação, mas também um objeto de reflexão, promovendo uma tomada de consciência cada vez mais complexa e estruturada sobre a forma como é constituída, e como se organizam os seus elementos. (p. 64).

A planificação acima tem como objetivo desenvolver a consciência linguística, pelo que as estratégias utilizadas foram elaboradas de forma a desenvolver a construção de palavras com letras e com sílabas móveis.

A estratégia utilizada nesta planificação foi utilizar letras e palavras móveis, para trabalhar o reconhecimento de palavras e letras, e realizar a leitura das palavras que formassem.

A ligação das palavras que as crianças tinham de construir, com a identificação de letras que tivessem nos seus nomes, deve-se ao querer incluir algo do seu conhecimento, no exercício proposto. A criança sente-se estimulada quando a aprendizagem envolve algo que reconheça, ou quando é colocada em evidência. Neste caso teria de encontrar e reconhecer uma letra do seu nome, estamos a colocar a criança em evidência.

O método da Cartilha Maternal, criada por João de Deus Ramos, está construído de forma a ensinar a criança a ler começando pelo som, letra, sílaba, palavra e construção de uma frase para contextualizar a palavra lida. Este aspeto permite obter a decomposição das palavras sem quebrar a unidade gráfica e sonora das mesmas. Deus (1997) afirma que o método utiliza estratégias de leitura do tipo <Bottom-up> em sinergia com estratégias do tipo <Top-Down>. (p.93). Quer isto dizer que o método está preparado, para começar tanto pelo som/letra até a palavra/frase, como depois da criança adquirir a leitura de uma palavra, podemos inverter a utilização do método, partindo de uma palavra/frase, para chegar ao som/letra.

Para que o desenvolvimento da criança seja efetuado de forma clara e concisa é necessário que a educadora verifique se a mesma sabe ou não identificar letras. Só após o reconhecimento das mesmas é que é exequível, pedir à criança que construa palavras. No momento em que a criança expõe a palavra, é possível identificar e reiterar que a mesma compreendeu o que lhe foi solicitado e elaborou com sucesso, podemos afirmar que a criança consegue compreender a tarefa e que atingiu o objetivo.

2.3.2. Planificação de atividade nos 5 anos

Quadro 4 – Planificação de atividade do domínio da matemática

PLANO DE AULA / ATIVIDADE			
Faixa Etária: 5 anos Data: 3 de fevereiro de 2017		Estagiária: Cláudia de Sousa Rosa Ano: 1º - 2º semestre Turma: MEPE Nº: 11	
ÁREA: Expressão e Comunicação		DOMÍNIO: da Matemática	
Hora	Componentes	Estratégias	Recursos
09h50/10h 10	<ul style="list-style-type: none"> Números e operações Representar e comunicar o pensamento matemático	<ul style="list-style-type: none"> Pedir que retirem da reentrância da mesa as caixas do 3º e 4º Dom de Froebel; Questionar o grupo sobre o material; Contar breve história às crianças para que elaborem a construção do poço; Levar o grupo a resolver pequenas situações problemáticas que surgem ao longo da história, por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> O avô tinha dois pares de plantas que pediu para o João regar. Quantos baldes precisou o João? Arrumação do material. 	3º e 4º Dom de Froebel; Imagem de plantas, baldes; Imagem do poço.

A planificação apresentada no quadro 4 foi aplicada num grupo de crianças de 5 anos, tendo sido usados materiais didáticos para a exploração da área da matemática. Os materiais utilizados foram o 3.º e 4.º Dons de Froebel, que são materiais feitos em madeira que vêm colocados dentro de caixas com formas de cubos e servem para estimular a criança a vários níveis, tanto na criatividade como motricidade fina, bem como explorados para a matemática. Trabalham a estimulação do cálculo mental e do raciocínio lógico matemático. Este material provoca uma aprendizagem significativa nas crianças: Segundo Spodek (2002):

A aprendizagem significativa envolve a descoberta ou o estabelecimento de relações. Ao contrário do conhecimento apreendido por rotina, o conhecimento significativo não pode ser imposto de fora para dentro, pois ele tem de ser construído de dentro para fora. Na aprendizagem significativa não se trata, simplesmente, de absorver passivamente a informação, mas sim de dar um sentido activo ao mundo. (p.336)

Apesar de ser um material mais utilizado para a matemática, este material pode também ser usado noutras áreas, tais como na abordagem da linguagem oral e escrita como no conhecimento do mundo.

O 3.º dom de Froebel é um material que está dentro de uma caixa de madeira, contendo no seu interior, 8 cubos de madeira e que pode ser explorado pela educadora da forma mais conveniente e mais direcionado para o tema que pretende abordar. Este material tem várias construções possíveis para poder trabalhar com várias áreas distintas. Segundo Caldeira (2009), os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias. (p. 241)

O 4.º dom de Froebel é constituído por 8 paralelepípedos inseridos também numa caixa de madeira com a forma de um cubo.

Nesta planificação, o tema abordado foi as Plantas, como tal elaborei uma atividade com as crianças que trabalhava o domínio da matemática com o apoio e a realização de uma construção com o material didático 3.º e 4.º Dom de Froebel.

Froebel (citado em Caldeira 2009) via os brinquedos, o trabalho manual e o estudo da natureza como processos espontâneos na criança e, ao mesmo tempo, como meios educativos. (p.239)

Com esta atividade trabalhei a adição e a subtração de pequenas quantidades para desenvolver no grupo o raciocínio lógico matemático, bem como a capacidade de resolução tanto no concreto como no abstrato, conseguindo com leveza uma ligação a outras áreas do conhecimento.

2.3.3. Planificação de atividade nos 4 anos

Quadro 5 – Planificação da atividade da área do conhecimento do mundo

PLANO DE AULA / ATIVIDADE			
Faixa Etária: 4 anos Data: 22 de abril de 2016		Estagiária: Cláudia de Sousa Rosa Ano: 1º - 1º semestre Turma: MEPE Nº: 11	
ÁREA: do Conhecimento do Mundo		DOMÍNIO:	
Hora	Componentes	Estratégias	Recursos
09h30/9h50	<ul style="list-style-type: none"> Mundo tecnológico e utilização das tecnologias - meios de comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Começar a atividade com as crianças sentados no ginásio onde irei receber uma chamada no telemóvel; ✓ Informar as crianças que recebemos um convite para irmos ao museu dos meios de comunicação; ✓ Questionar as crianças sobre os meios de comunicação: Quais são os meios de comunicação que conhecem? Para que servem os meios de comunicação? Quando é que os utilizamos e para quê?; ✓ Receber a carta com o convite e os bilhetes da ida ao museu e falar sobre a carta: Questionar as crianças se também é um meio de comunicação, e quando a usamos?; ✓ Fazer equipas para receberem os bilhetes e entrar no museu dos meios de comunicação e relembrar as regras das visitas de estudo, explorar todos os meios de comunicação presentes no museu; ✓ Manter as equipas para realizar a atividade final; (Puzzle) 	<ul style="list-style-type: none"> Telemóvel; Carta; Meios de comunicação: televisão, rádio, telefone, telemóvel, jornal, revista e computador; Painéis com desenhos de meios de comunicação, cortados para construção de puzzle;

A planificação em análise foi realizada na sala de atividades de um grupo com 4 anos, tendo abordado o tema dos meios de comunicação.

Nos novos métodos de ensino é demasiado óbvio expor a informação de forma exaustiva.

Optei por algo mais lúdico para transmitir os conhecimentos necessários sobre o tema, mesmo porque a aprendizagem de conceitos deve ser simples e objetiva, segundo Arends (1995):

A aprendizagem de conceitos é muito mais do que a simples classificação de objetos e formação de categorias.(...), a aprendizagem de conceitos envolve um processo de construção do conhecimento e de organização da informação em estruturas cognitivas mais amplas e complexas. (p.303)

A estratégia escolhida foi através de vários pontos, o grupo chegar até ao tema, e após perceberem o tema o objetivo foi levá-los a explorar um museu sobre os meios de comunicação. Nesse museu estavam presentes vários meios de comunicação, com a preocupação de estarem presentes os mais antigos e os mais recentes.

O museu estava organizado por mesas e em cada mesa estavam presentes meios de comunicação identificados com etiquetas. À medida que as crianças passavam pelas mesas, identificavam os meios de comunicação e explicava a sua função. No final da visita os alunos puderam realizar vários *puzzles* de tamanho A1, onde continham imagens de meios de comunicação e após a montagem tinham de identificar o tipo de meio de comunicação que estavam a visualizar.

Este tipo de estratégia trabalha vários aspetos importantes no desenvolvimento da criança, além de ser uma estratégia estimulante para os alunos, pois ao aprender os meios de comunicação podem visualizá-los e compreender a evolução dos mesmos, na mesma linha de pensamento, Silva et al. (2016) afirmam que:

A importância dos meios tecnológicos e informáticos no conhecimento do mundo, próximo e distante, e no contacto com os outros valores e culturas faz com que a sua utilização no jardim de infância seja considerada como um recurso de aprendizagem. deste modo, contribui-se também para uma maior igualdade de oportunidades, uma vez que o acesso das crianças a estes meios poderá ser muito diverso.(p.93)

O próprio museu improvisado é uma estratégia apropriada a crianças nesta faixa etária, uma vez que podem não ter essa possibilidade junto dos familiares e nem sempre nas escolas é possível organizar visitas de estudo para todos os temas abordados no ano letivo. Assim sendo torna-se interessante que possam vivenciar algo semelhante ao real, e aprender, pois o facto de ser algo no seu ambiente deixa-os mais abertos para absorver melhor a informação recolhida no local.

No final contextualizaram a informação adquirida, com a construção dos *puzzles*. A possibilidade de realizar uma contextualização, com materiais manipuláveis não estruturados, é apelativa, e torna o desenrolar da atividade, mais lúdica e didática. Com a certeza que a criança está a divertir-se ao realizar a mesma, mas também com a convicção que a criança ao realizar o *puzzle* e ao concluir com a sua construção que se trata de algo relacionado com o tema da atividade explorada consegue realizar a associação, e contextualizar o tema aos conhecimentos adquiridos. Na mesma linha de pensamento, Matos et al. (1985, citado em Caldeira, 2009) admitem a importância dos materiais manipulativos para estabelecer um ambiente pedagógico mais dinâmico, de modo a permitir atitudes de professores e alunos facilitadoras da aprendizagem. No entanto referem que existem diversas variáveis que influenciam o processo de aprendizagem. (p. 24)

2.3.4. Planificação de atividade nos 4 anos

Quadro 6 – Planificação da atividade do domínio da matemática

PLANO DE AULA / ATIVIDADE			
Faixa Etária: 4 anos Data: 5 de dezembro de 2016		Estagiária: Cláudia de Sousa Rosa Ano: 1º - 2º semestre Turma: MEPE Nº: 11	
ÁREA: Expressão e Comunicação		Domínio: matemática	
Hora	Componentes	Estratégias	Recursos
09h30/9h50	<ul style="list-style-type: none"> Número e operações 	<ul style="list-style-type: none"> Distribuir pelas crianças sacos com gotas de água e linhas fronteiras; Pedir às crianças que identifiquem o número de gotas presentes dentro do saco; Apresentar a linha fronteira às crianças e explicar para que serve; Pedir às crianças que coloquem dentro da linha fronteira gotas de água e explicar o que é o conjunto simples, e conjunto vazio; Deixar as crianças brincarem livremente com o material; Pedir às crianças que arrumem o material. 	<ul style="list-style-type: none"> Saco com gotas; Linha fronteira.

A planificação referida acima foi realizada numa sala com crianças de 4 anos, onde o tema da atividade foi o ciclo da água. Resolvi incluir o tema nas 3 grandes áreas e trazer para a atividade de matemática o mesmo tema. Elaborei com o grupo pequenas situações matemáticas, apropriadas à idade, com relação ao tema. As crianças elaboraram contagens e reconheceram e identificaram conjuntos simples e vazios bem como aprenderam o significado de linha fronteira. Tentei realizar com o grupo o desenvolvimento de noções básicas da matemática.

Segundo Silva et al. (2016), o desenvolvimento de noções matemáticas inicia-se muito precocemente e, na educação pré-escolar, é necessário dar continuidade a estas aprendizagens e apoiar a criança no seu desejo de aprender. (p.74).

O material foi feito de acordo com o tema, e as contagens foram realizadas com gotas de água feitas em goma eva, bem como a linha fronteira foi considerada o limite de um lago, e no interior do lago poderiam ou não estar as gotas de água. Conteí uma história para introduzir a atividade e utilizei um arco para dar a noção de linha fronteira e conjunto simples e vazio.

Segundo Caldeira (2009), o material manipulativo, através de diferentes atividades constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. (p.15).

A forma como foi explorado todo o material e a diversas estratégias utilizadas foram de acordo com a idade do grupo e com os conhecimentos necessários a desenvolver. As crianças mostraram interesse na atividade e estiveram sempre atentas e prontas a responder aos desafios que lhes eram colocados.

2.3.5. Planificação de atividade nos 3 anos

Quadro 7 – Planificação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

PLANO DE AULA / ATIVIDADE			
Faixa Etária: 3 anos Data: 15 de abril de 2016		Estagiária: Cláudia de Sousa Rosa Ano: 1º - 1º semestre Turma: MEPE Nº: 11	
ÁREA: Expressão e Comunicação		Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Hora	Componentes	Estratégias	Recursos
09h30/9h50	<ul style="list-style-type: none"> Linguagem Oral - escutar e valorizar o contributo de cada criança; Comunicação Oral - sentir-se escutado e ter interesse em comunicar; 	<ul style="list-style-type: none"> Organizar as crianças no tapete; Ler a história "Todos no sofá" – acompanhar a história com bonecos feitos em feltro; Solicitar às crianças que ao longo da história retirem os animais da caixa e os coloquem no quadro; Cantar canções relacionadas com o tema da história – animais; Dialogar com as crianças sobre a história, fazer perguntas e relacionar a história com o seu dia a dia. 	<ul style="list-style-type: none"> Livros "Todos no Sofá" Caixa com animais feitos em feltro.

A planificação acima identificada foi desenvolvida para realizar uma atividade num grupo de 3 anos. A atividade foi sobre os animais, temática trabalhada nesta fase do ano letivo. Realizei a leitura de um livro, onde a estratégia utilizada foi acompanhar toda a história com material alternativo, animais da história feitos em feltro. Penso ser uma estratégia apropriada à idade do grupo, uma vez que são crianças que necessitam compreender e ser motivadas para a importância da leitura nesta fase. Com a leitura acompanhada de bonecos, torna-se mais apelativa à idade e provoca uma maior motivação no grupo.

Segundo Silva et al. (2016), o papel do/a educador/a é fundamental neste processo, ao criar ambientes promotores do envolvimento com a leitura e a escrita, que levem ao desenvolvimento de atitudes e disposições positivas relativamente à aprendizagem da linguagem escrita. (p.71)

À medida que a história ia sendo contada, e os animais surgiam, com a ajuda das crianças que os colocavam por ordem no flanelógrafo.

Após terminar a história, realizei interdisciplinaridade e, com o número dos animais, fui retirando e colocando trabalhando, assim o raciocínio lógico-matemático das crianças, de forma lúdica.

No decorrer da atividade cantámos músicas relacionadas com o tema, animais, e fui pedindo a cada criança que contasse uma lengalenga ou uma música que tivesse/falasse de animais. Penso ser importante que uma atividade esteja sempre interligada e que estejam presentes o máximo de informação possível, pois é essencial que a criança consiga e deva fazer a ligação dos diferentes temas.

Segundo Ribeiro & Ribeiro (1990), a ciência ou arte de ensinar reside na determinação de uma matriz que combine atividades de ensino-aprendizagem conducentes a objetivos com determinadas situações iniciais do aluno. (p.437)

No final falámos sobre a história, pedi ao grupo que falassem sobre o que acharam da história e tentei relacionar o dia-a-dia das crianças com a história, para promover relações e compreender a associação e o reconhecimento de determinadas situações da história, com as vivências e experiências do grupo.

2.3.6. Planificação de atividade nos 3 anos

Quadro 8 – Planificação da atividade do domínio da matemática

PLANO DE AULA / ATIVIDADE			
Faixa Etária: 3 anos Data: 22 de abril de 2016		Estagiária: Cláudia de Sousa Rosa Ano: 1º - 1º semestre Turma: MEPE Nº: 11	
ÁREA: Expressão e Comunicação		Domínio: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Hora	Componentes	Estratégias	Recursos
09h30/9h50	<ul style="list-style-type: none"> Número e operações - representar e comunicar o pensamento matemático; - resolver e inventar; - importância do jogo e do brincar na aprendizagem da matemática; - apropriação progressiva do sentido de número. 	<ul style="list-style-type: none"> Organizar a sala de atividades e sentar as crianças nas mesas e apresentar o material – Cuisenaire; Reconhecer as conceções prévias das crianças; Apresentar material não estruturado às crianças – cubo; Realizar jogo com o cubo, associar cores do cubo com peças do material Cuisenaire; Elaborar pequenas situações problemáticas com os materiais; Sentar as crianças no tapete e colar imagens de animais no cubo; Solicitar ao grupo que associe as cores do cubo à quantidade dos animais; Consentir ao grupo uma brincadeira livre com o material. 	<ul style="list-style-type: none"> Cuisenaire; Cubo em feltro com cores do Cuisenaire; Imagens de animais plastificadas;

Esta planificação foi realizada com o intuito de explorar o domínio da matemática com crianças de 3 anos de idade. O tema da aula foram os animais e escolhi o material Cuisenaire para trabalhar o pensamento matemático, resolução, importância do jogo e o sentido de número. Elaborei um material manipulável em forma de cubo com uma face de cada cor, seguindo a ordem de cores do material também utilizado, Cuisenaire. Segundo Caldeira (2009), o princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objetos e “extrair” princípios matemáticos. “Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstratas”. (p.15)

O jogo realizado com o cubo consistia na associação de valor/cor ao material Cuisenaire com pequenas situações problemáticas: Segundo Alsina (citado em Caldeira, 2009):

As barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas. (p. 126)

No final do jogo, sentei as crianças no tapete e coleí imagens de animais no cubo, para que sempre que o cubo fosse jogado e saísse uma cor, a criança soubesse identificar o número de animais presentes naquela face e qual a peça do material Cuisenaire correspondente àquela quantidade.

De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), a decomposição de números permite que os alunos descubram que o mesmo número poderá ser representado de diversas maneiras, nestas decomposições, estão implícitas as propriedades comutativas e associativa da adição. (p. 66)

No final da atividade, permiti ao grupo explorar ambos os materiais de forma a trabalhar a imaginação e a criatividade das crianças.

É importante que a criança manipule diferentes materiais, e que estabelece com eles uma ligação de brincadeira, mas também de passagem de conhecimento. Quando a criança se encontra familiarizada com os materiais, é mais acessível para elas trabalhar com os mesmos, e permite que a aprendizagem seja realizada de forma mais simples, sem considerarem uma obrigação.

É importante referir também que em algumas destas planificações as professoras orientadoras do estágio profissional estiveram presentes nas atividades, a fim de avaliar todo o processo. Desde que lhes são entregues as planificações para apreciação, até ao momento em que são colocadas em prática e onde podem avaliar a forma como são exploradas as estratégias que estavam indicadas nas respetivas planificações. Considero essencial que todo este trabalho exista, e se desenrole desta forma, pois só assim podemos ter a certeza que o trabalho em equipa funciona e assim podemos afirmar que todo o processo é elaborado e realizado corretamente.

Capítulo 3 - Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Este capítulo apresenta os dispositivos de avaliação, que utilizei no estágio na educação pré-escolar. Encontra-se dividido em 4 partes, fundamentação teórica, as atividades e respetiva avaliação das mesmas, a contextualização de cada atividade e descrição de parâmetros e critérios de avaliação e, no final, a apresentação da análise de resultados.

As áreas a avaliar foram o Domínio da Matemática, a Área do Conhecimento do Mundo e o Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita, atividades formativas levadas a cabo em grupo de crianças de 4 e 5 anos.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação é crucial na educação, pois é através da mesma que o educador consegue diagnosticar a criança, a sua evolução e compreender se esta vai adquirindo as competências, os conhecimentos e as atitudes.

Existem dois tipos de avaliação, a avaliação diagnóstica e formativa. A avaliação de diagnóstica, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens (p. 342).

Para Arends (1995), as avaliações formativas são feitas antes ou durante a instrução e pretendem informar os professores acerca dos conhecimentos e das competências anteriores dos alunos para ajudar na planificação (p. 229).

Segundo Leite e Fernandes (2002):

Avaliar é muito mais do que atribuir uma nota, uma quantificação, uma classificação. Avaliar é um processo complexo no qual intervêm factores de ordem endógena e exógena relativos, quer aos sujeitos avaliados, quer aos sujeitos avaliadores. (p. 21)

A avaliação tem como principal objetivo verificar se a criança compreendeu ou não o que lhe foi exposto e se sabe ou não aplicar os conhecimentos adquiridos. Para isto o educador deve aplicar a avaliação de forma clara e concisa para que seja entendível se a criança está a corresponder ou não.

A avaliação na Educação Pré-escolar conforme explicito na Circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, é:

A avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.

Segundo os princípios enunciados atrás, pela Circular 4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação formativa predomina na Educação Pré-Escolar, colocando a criança no centro da sua aprendizagem, dando-se meios para ser autónoma, saber o que já sabe e vencer pequenas dificuldades no dia a dia, ajudada pela educadora e equipa educativa, no sentido da regulação e melhoria constantes.

De acordo com (Leite & Fernandes, 2002), o conceito de avaliação formativa centra-se na reformulação do processo e na análise em que o processo corresponde às necessidades dos alunos. Por isso, as três ideias-chave da concretização de uma prática de avaliação formativa são: regular (processos); reforçar (êxitos); remediar (dificuldades) (p.41).

A avaliação formativa tem então como finalidade fornecer a informação sobre a aquisição dos objetivos estabelecidos anteriormente, bem como auxiliar a tomada de decisões quanto aos processos a alcançar. (Leite & Fernandes, 2002)

Na educação pré-escolar, a avaliação formativa é essencial uma vez que, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), é implementada ao decorrer de todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando as aprendizagens realizadas com sucesso e as que revelam maior dificuldade, com o intuito de corrigir as últimas e conduzir os alunos aos resultados pretendidos. Considerando a avaliação formativa uma avaliação contínua, obrigatoriamente torna-se necessário que o educador considere a aprendizagem da criança, e participe na autocorreção do mesmo, de forma a desenvolver na criança melhores êxitos, e ultrapassar as suas dificuldades. (p. 348)

Para elaborar a avaliação das atividades seguintes, recorri à escala de Likert, que está organizada de acordo com os seguintes parâmetros:

- Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- Bom (de 7 a 8,9 valores)
- Muito Bom (de 9 a 10 valores)

3.3. Avaliação da atividade do domínio da Matemática

3.3.1. Contextualização da atividade

Esta proposta de atividade explora o domínio da matemática (anexo 1), foi realizada numa manhã de atividades, elaborada por mim com um grupo de crianças de anos. Os componentes a explorar foram a quantidade de figuras geométricas e a associação de cores às formas geométricas.

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação das figuras geométricas: neste parâmetro pretende-se o que as crianças observem na imagem e o que consigam identificar, pintando os triângulos presentes na imagem com a cor amarela.

Os critérios estabelecidos foram:

- Identifica e pinta três triângulos presentes na imagem;
- Identifica e pinta dois triângulos presentes na imagem;
- Identifica e pinta um triângulo presente na imagem;
- Não identifica nem pinta nenhum triângulo presente na imagem;

Identificação das figuras geométricas: neste parâmetro pretende-se que as crianças observem a imagem e consigam identificar, pintando os retângulos presentes na imagem com a cor verde.

Os critérios estabelecidos foram:

- Identifica e pinta três retângulos presentes na imagem;
- Identifica e pinta dois retângulos presentes na imagem;
- Identifica e pinta um retângulo presente na imagem;
- Não identifica nem pinta nenhum retângulo presente na imagem.

Motricidade fina: a finalidade neste parâmetro é que as crianças pintem as figuras geométricas apresentadas, respeitando o seu contorno:

Os critérios estabelecidos foram:

- Pinta as figuras respeitando o contorno;
- Pinta as figuras não respeitando o contorno;
- Não pinta as figuras.

Associação da quantidade de figuras geométricas ao número: neste parâmetro requer-se que as crianças observem a imagem e consigam realizar a ligação entre o número de figuras presentes na imagem à sua quantidade.

Os critérios estabelecidos foram:

- Realizou a ligação dos 3 triângulos ao número 3;
- Realizou a ligação dos 4 retângulos ao número 4;
- Realizou apenas uma ligação corretamente;
- Não realizou nenhuma ligação corretamente.

Descreve-se, em seguida, o quadro 9 referente às cotações atribuídas à proposta de atividade do domínio da Matemática.

Quadro 9 – cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação das cores	1.1 Identifica e pinta corretamente três triângulos	3	3
	1.2 Identifica e pinta corretamente dois triângulos	2	
	1.3 Identifica e pinta corretamente um triângulo	1	
	1.4 Não identifica nem pinta nenhum triângulo	0	
2. Identificação das cores	2.1 Identifica e pinta corretamente quatro retângulos	4	4
	2.2 Identifica e pinta corretamente três retângulos	3	
	2.3 Identifica e pinta corretamente dois retângulos	2	
	2.4 Identifica e pinta corretamente um retângulo	1	
	2.5 Não identifica nem pinta nenhum retângulo	0	
3. Motricidade fina	3.1 Pinta as figuras respeitando o contorno	1	1,5
	3.2 Pinta as figuras não respeitando o contorno	0,5	
	3.3 Não pinta as figuras	0	
4. Associação quantidade/número	4.1 Realizou a ligação dos três triângulos ao número 3	1	1,5
	4.2 Realizou a ligação dos 4 retângulos ao número 4	0,5	
	4.3 Não realizou nenhuma ligação corretamente	0	
Total			10

3.3.3. Apresentação e análise de resultados

Após a correção e análise do dispositivo de avaliação, apresento a síntese através do gráfico seguinte. (Figura 1)

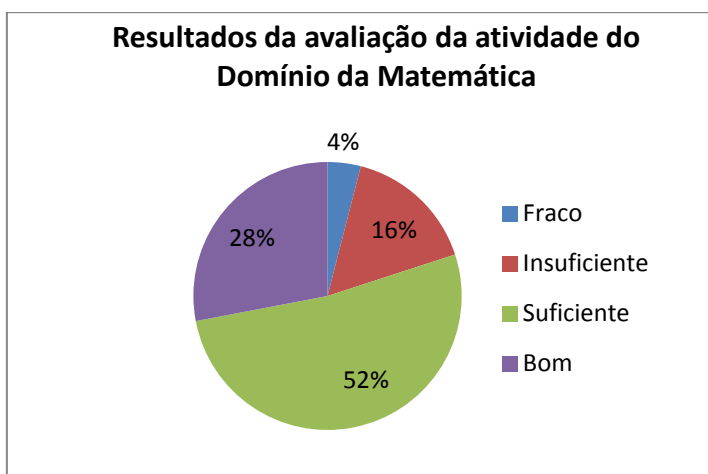


Figura 1 – Resultado da Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

Como é possível verificar nos resultados apresentados, a maioria das crianças conseguiu realizar a atividade com sucesso, mas cinco crianças apresentaram objetivos inferiores aos pretendidos, quatro crianças com Insuficiente, que corresponde a 16%, e uma criança com Fraco que corresponde a 4%.

Os restantes resultados foram positivos, registando-se treze crianças com Suficiente, que corresponde a 52%, e sete crianças com Bom, que corresponde a 28%.

De acordo com a Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011:

A avaliação formativa é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção. Avaliar assenta na observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens. (p. 1)

Concluimos assim que é importante que a avaliação seja adequada a cada criança individualmente, e olhada de forma formativa, de crescimento de aprendizagem, e não como uma forma que obter uma classificação. A intenção da avaliação formativa consiste em verificar, se a criança adquiriu os conhecimentos necessários sobre um determinado tema ou não.

Ainda segundo a Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011, “a avaliação formativa constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador. (p. 2)

A forma como educador elabora a avaliação tem a ver com o tipo de grupo em cada ano letivo e é através do planeamento das suas atividades e a forma como faz chegar a informação às crianças que permite ao mesmo, tomar as decisões necessárias relativamente a intervenção educativa.

Tendo em conta que algumas crianças ainda não adquiriram as competências, o educador deve desenvolver estratégias formativas para que todas crianças aprendam os conceitos em análise, introduzindo tarefas diversificadas para que todas atinjam os objetivos propostos.

Avaliação do domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita

3.3.4. Contextualização da atividade

A seguinte proposta de atividade relativa ao domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita (anexo 2), foi aplicada por mim numa manhã de atividades com crianças de 5 anos. Os componentes a explorar foram a identificação da letra “t” na rima, o grafismo da letra “t” e o preenchimento da mesma com papel de jornal.

3.3.5. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação da letra “t”, presente na rima: neste parâmetro requer-se que as crianças observem as palavras e identifiquem a letra pretendida.

- Identifica 13 letras “t” presentes na rima;
- Identifica entre 10 a 12 letras “t” presentes na rima.
- Identifica entre 6 a 9 letras “t” presentes na rima.
- Identifica entre 1 a 8 letra “t” presentes na rima.
- Não identifica ou não responde de forma correta.

Realiza o grafismo da letra “t”: neste parâmetro requer-se que as crianças observem e realizem corretamente o grafismo da letra “t”.

- Realiza corretamente o grafismo da letra “t”;
- Não realiza corretamente o grafismo da letra “t”;
- Não realiza ou não responde.

Preenchimento da letra “t” com papel de jornal: neste parâmetro requer-se que as crianças realizem o preenchimento da letra “t” com papel de jornal.

- Preenche com clareza e cola corretamente o papel de jornal na letra “t”.
- Preenche e cola com pouca clareza o papel de jornal na letra “t”.
- Não preenche ou não responde corretamente.

Abaixo indicado está o quadro 10 referente às cotações da proposta de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 10 – cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação da letra “t” na rima	1.1 Identifica 13 letras “t” presentes na rima	6	6
	1.2 Identifica entre 10 a 12 letras “t” presentes na rima	4	
	1.3 Identifica entre 6 a 9 letras “t” presentes na rima	3	
	1.4 Identifica entre 1 a 8 letra “t” presentes na rima	1	
	1.5 Não identifica ou não responde de forma correta	0	
2. Realização o grafismo da letra “t”	2.1 Realiza corretamente o grafismo da letra “t”	2	2
	2.2 Não realiza corretamente o grafismo da letra “t”	1	
	2.3 Não realiza ou não responde	0	
3. Preenchimento da letra “t” com papel de jornal	3.1 Preenche com clareza e cola corretamente o papel de jornal na letra “t”	2	2
	3.2 Preenche e cola com pouca clareza o papel de jornal na letra “t”	1	
	3.3 Não preenche ou não responde corretamente	0	
Total			10

3.3.6. Apresentação e análise de resultados

Após a correção e análise do dispositivo de avaliação, apresento a síntese através do gráfico seguinte. (Figura 2)

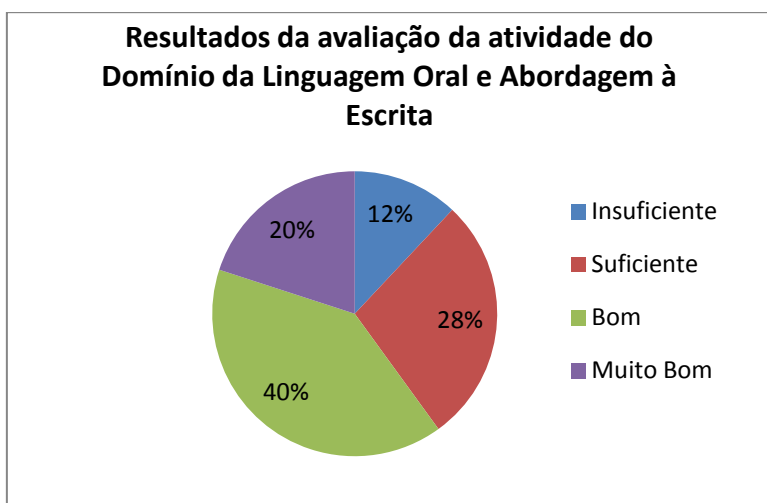


Figura 2 – Resultado da Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Através dos resultados apresentados, é visível que a maioria das crianças, 40%, realizou a atividade com facilidade e sucesso, mas cinco crianças apresentaram resultados inferiores aos pretendidos.

Os restantes resultados foram positivos, registando-se sete crianças com suficiente, representando 28% das crianças, dez crianças com classificação de Bom (a maioria com 40%) e cinco crianças com Muito Bom, o que corresponde a 20% das crianças.

As crianças gostaram de desenvolver a atividade, e apesar de 3 crianças não terem consigo obter os resultados pretendidos. Desta forma, Leite e Fernandes, (2002) afirmam que, a avaliação diagnostica permite situar os alunos em relação aos objetivos programados e regular, em função desses pré-requisitos, os caminhos para a construção da aprendizagem. (p. 39)

Considero que as crianças mostraram cumplicidade da forma como realizaram a atividade e mais importante, a interajuda que foi visível entre todos.

Tento sempre demonstrar o que mais importante não é o resultado, mas sim aquilo que aprendemos com as atividades e de que forma podemos melhorar o nosso desempenho.

3.4. Avaliação da proposta de atividade do domínio do Conhecimento do Mundo

3.4.1. Contextualização da atividade

A seguinte proposta de atividade relativa ao domínio do Conhecimento do Mundo (anexo 3), que foi aplicada por mim numa tarde de atividades com crianças de 4 anos. Os componentes a explorar foram a identificação e colagem das imagens no ciclo da água, construção do ciclo da água com colocação de setas e motricidade fina.

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificação e colagem das 3 imagens do ciclo da água: neste parâmetro pretende-se que as crianças identifiquem as imagens e as coloquem corretamente na figura do ciclo da água.

- Identifica e cola corretamente 3 imagens no ciclo da água.
- Identifica e cola corretamente 2 imagens no ciclo da água.
- Identifica e cola corretamente 1 imagem no ciclo da água.
- Não identifica ou responde corretamente.

Construção do ciclo da água colocando as 4 setas corretamente na figura: neste parâmetro pretende-se que as crianças construam o ciclo da água colocando as 4 setas corretamente na figura.

- Coloca corretamente 4 setas na imagem.
- Coloca corretamente 3 setas na imagem.
- Coloca corretamente 2 setas na imagem.
- Coloca corretamente 1 seta na imagem.
- Não coloca ou responde corretamente.

Motricidade fina: neste parâmetro pretende-se que as crianças picotem e destaquem as imagens corretamente.

- Picota de forma correta as imagens.
- Picota de forma pouco correta as imagens.
- Não picota ou não responde corretamente.

Quadro 11 – cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade da área do conhecimento do mundo.

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação e colagem de imagens no ciclo da água	1.1 Identifica e cola corretamente 3 imagens no ciclo da água.	3	3
	1.2 Identifica e cola corretamente 2 imagens no ciclo da água.	2	
	1.3 Identifica e cola corretamente 1 imagem no ciclo da água.	1	
	1.4 Não identifica ou responde corretamente.	0	
2. Construção do ciclo da água	2.1 Coloca corretamente 4 setas na imagem.	4	4
	2.2 Coloca corretamente 3 setas na imagem.	3	
	2.3 Coloca corretamente 2 setas na imagem.	2	
	2.4 Coloca corretamente 1 seta na imagem.	1	
	2.5 Não coloca ou responde corretamente.	0	
3. Motricidade fina	3.1 Picota de forma correta as imagens.	2	3
	3.2 Picota de forma pouco correta as imagens.	1	
	3.3 Não picota ou não responde corretamente.	0	
Total			10

3.4.3. Apresentação e análise de resultados

Após a correção e análise do dispositivo de avaliações, apresento a síntese através do gráfico da seguinte. (Figura 3)

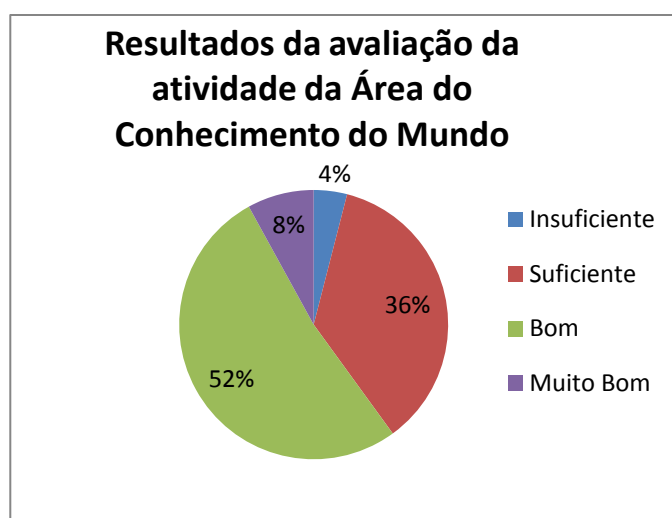


Figura 3 – Resultado da Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo

A atividade veio na sequência de um tema abordado ao longo do dia, e serviu para verificar se as crianças adquiriram os conhecimentos sobre o tema. Após a análise dos resultados, foi visível que a maioria adquiriu os conhecimentos ao realizar a proposta de atividade com grande facilidade e gosto. Com 52%, correspondente a 13 crianças, os resultados foram bons e a atividade foi bem realizada. Com 36%, correspondente a 9 crianças, os resultados obtidos foram suficientes, com 8%, correspondente a 2 crianças os resultados foram muito bons. E apenas uma criança, correspondendo a 4%, não conseguiu atingir os resultados pretendidos.

A realização desta atividade evidencia que a maioria atingiu com sucesso o pretendido, e desta forma leva-nos a crer que é necessário com aquela criança ter mais atenção, pois pode não ter compreendido, ou simplesmente não estava tão disposta a realização de uma proposta de atividade. Como refere Abrantes (2002), “a avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (p. 9)

Podemos então afirmar que apenas aquela criança, poderá não ter atingido as aprendizagens necessárias, mas podemos também afirmar que a maioria atingiu e desenvolveu as competências necessárias.

De acordo com Leite & Fernandes (2002), a avaliação formativa é:

A concretização de uma prática de avaliação formativa é composta por três eixos: regular (processos); reforçar (êxitos); remediar (dificuldades). Estes três eixos de avaliação formativa implicam o recurso a procedimentos que permitam definir o que se considera importante aprender, situar o aluno face a essas aprendizagens, identificar a origem das dificuldades e os meios mais adequados para as remediar ou para enriquecer as suas aprendizagens. (p. 41)

É responsabilidade do educador/professor criar o ambiente adequado para que sejam feitas as avaliações às crianças. Da mesma forma que devem ter como principal preocupação, os três eixos da avaliação formativa, sendo eles, o regular, reforçar e o remediar. Com isto, o educador pode proporcionar às crianças uma melhor aprendizagem, composta pela regularização dos processos da avaliação, por reforçar o êxito da criança nas suas aprendizagens e por fim, remediar as dificuldades que a criança encontra, na realização de determinadas propostas de atividade. Esta avaliação permite ao educador ter uma visão global do grupo, da mesma forma que o ajuda a compreender as dificuldades das crianças e colmatar as mesmas da melhor forma.

Capítulo 4 – Proposta de uma Atividade através de Trabalho de Projeto

4.1. Fundamentação Teórica

Este trabalho projeto tem como base o tema principal Cidadania global, e como subtema Cultivar Habilidades Sociais e Emocionais com a Ecoliteracia. Sendo um trabalho projeto dentro da área de ecologia, a implementar numa escola, penso que o mesmo deve considerar um tema que possa ser explorado pelo público-alvo de uma escola, as crianças.

A Ecoliteracia nas escolas é um tema essencial para o desenvolvimento da consciência das crianças, pois através da leitura e exploração da mesma as crianças tomam conhecimento de formas de ajudar o ecossistema e com o conhecimento adquirido podem pô-lo em prática tanto na escola como em casa com a família.

De acordo com Ramos & Ramos (2013), ecoliteracia é:

A Ecoliteracia é a capacidade de os cidadãos desenvolverem um tipo de pensamento favorável à desconstrução de um paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas, nomeadamente a conceção do homem como legítimo explorador do meio natural em seu proveito e a da natureza como uma inesgotável fonte de bens ao dispor de todas as necessidades e desejos humanos (o providencialismo). (p. 17)

Em qualquer escola é essencial que a educação ambiental esteja presente e possa de alguma forma contribuir para o desenvolvimento pessoal e intelectual das crianças, pois ao passarmos informações e dever cívicos as crianças hoje, serão os adultos consciencializados de amanhã. Para isto os educadores/professores deveriam explorar muito bem nas salas de aula e fora delas o que é a educação ambiental e de que forma eles, hoje crianças, podem ajudar o ambiente. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al. 2016) preconizam que:

A abordagem ao Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura, evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social. (p.88)

O projeto pretende implementar na escola uma área de leitura ecológica e apresentá-la às crianças. Informar as mesmas de que todas as semanas se faz a leitura de um livro e se realiza uma atividade prática e escrita para recolha máxima de informação sobre o tema e atitudes que devem ser tomadas pela comunidade escolar de forma a proteger o nosso ambiente.

Para além disto, no final da semana, em cada turma, é escolhido aleatoriamente um aluno tendo este de selecionar um conto ou história onde de alguma forma envolva o ambiente, tal como, “Capuchinho Vermelho”, “Rato da Cidade,

Rato do Campo”, “Pequena Sereia”, “Pinóquio”; em casa, juntamente com os seus pais e familiares, terá de reescrever a história ou conto, de forma a torná-lo ecológico. Nesta escrita criativa o aluno deve focar-se aos animais, por exemplo, ou no habitat da história e realçar o que de melhor poderíamos fazer pelo ambiente ou de que forma aquela história poderia exemplificar atitudes responsáveis para com o nosso ambiente.

Para Fernandes (citado por Nova, 1999), educação ambiental no contexto da reforma curricular é:

[...] É certo que ainda existe por todo o mundo a falta de um consenso sobre Educação Ambiental e das necessidades a que esta eventualmente corresponde, dado que as diferenças de cultura, de nível de desenvolvimento económico e de sistemas educativos assim o justificam, mas o facto é que existe um certo número de conceitos que ultrapassam as diferenças ideológicas e geográficas. É em torno desses conceitos universais que a Educação Ambiental vai tomando forma e se vai implantando [...]. (p.15)

E todas as semanas realizaremos a leitura sobre o tema, por forma a pudermos reunir o máximo de ideias e projetos possíveis.

Após a implementação desta parte do projeto, seguir-se-á o contacto com entidades responsáveis para que a dimensão deste projeto seja considerável. Para isso contactaremos entidades como camaras municipais, juntas de freguesia, escolas com projetos idênticos, editoras ou bibliotecas para intercâmbio de livros, e escritores/contadores de histórias que possam ir até à escola ler histórias ou sensibilizar as crianças sobre o tema.

Com sessões de esclarecimento, através de conversas, vídeos ou até casos práticos que possam ser realizados dentro da escola. No caso de ser necessário, ir até uma instituição onde possam ter acesso a outras realidades, tais como horta biológica, reciclagem, etc.

4.2. Desenvolvimento do Projeto

4.2.1. Problema

O principal problema que desencadeia a necessidade de acentuar a educação para o ambiente e a sua especificidade nas escolas é a pobreza da abordagem dada a este assunto nas mesmas. Esta abordagem existe, de facto, nas escolas. É falado do ambiente, do planeta, da poluição, da má gestão de recurso.

Existem livros que são lidos com as crianças para salientar a necessidade de uma consciência comunitária para a proteção do ambiente. No entanto, esta abordagem mostra-se insuficiente. As crianças não retêm o necessário: as atitudes a

ter. Aprendem, por exemplo, o que não se deve fazer, mas não como proceder adequadamente.

A forma como se aborda a Ecologia deve ser diferente, deve envolver as crianças de forma mais prática, deve fazer com que as atitudes sejam incorporadas e levadas para casa.

A Ecologia não tem de ser um tema considerado desinteressante, e muitas vezes acontece, nem um tema que se esgota na formação cívica. É interdisciplinar, visto pelo mesmo tema deste projeto – ecoliteracia. Torna-se, assim, parceira de outras disciplinas e estimula o desenvolvimento de outras competências para além da própria consciência ambiental.

Apesar da existência de vários recursos para a educação ambiental (livros, revistas, vídeos), estes não têm destaque suficiente nas bibliotecas e acabam por passar despercebidos, sendo apenas manuseados pelos professores. Não é, assim, dada uma relevância suficiente a este tema, o que acaba por levar ao desinteresse por parte das crianças e falta de iniciativa própria para se debruçarem sobre este assunto.

Coletivamente, esta fraca abordagem da Ecologia resulta na formação de gerações sem a devida consciência ecológica, sem interesse pela Ecologia, que tomam por garantida a integridade do planeta.

Problema:

Como criar interesse nas crianças sobre o tema Ecologia?

4.2.2. Problemas parcelares

- Como cultivar habilidades sociais e emocionais com a ecoliteracia?
- O que é a Ecoliteracia?
- De que forma podemos implementar a ecoliteracia nas escolas?
- Será que fazer uma área de leitura dedicada ao ambiente nas bibliotecas das escolas ajudará a tornar os alunos ecologicamente mais responsáveis?

4.2.3. Destinatários

Este trabalho projeto tem como destinatárias as crianças das escolas onde seja possível implementar este tão executável projeto, assim, a crianças entre os 3 e os 10 anos, educadores e professores.

Essencial será também a ligação família-escola, que manterá também papel crucial neste projeto. Será através da escola que a família terá também um papel ativo no mesmo e, deste modo, passar a tomar as mesmas medidas juntamente com as crianças e outros familiares.

A ideia deste projeto é que não só às crianças fiquem com informação necessária para tratar de forma diferente o nosso ambiente, mas também toda a comunidade envolvente tome conhecimento de pequenas atitudes que temos diariamente e que possamos com este projeto mudar as mentalidades e aplicar de forma clara e concisa uma consciencialização e sensibilização, de forma a reunir esforços para melhorar o nosso ambiente.

Na sequência da sensibilização nas escolas onde o projeto será aplicável é importante também contactar todas as instituições da localidade para que, juntos, possamos trabalhar em comunidade.

4.4. Entidades envolvidas

Para que este projeto tenha uma base sólida é necessário que algumas instituições estejam presentes. Em primeiro lugar a escola que pretende implementar o projeto em questão, é necessário que a Câmara Municipal de Lisboa esteja entre uma das principais instituições para apoiar um projeto ambiental.

São notáveis os projetos que a câmara dispõe para a população. O conjunto diversificado de atividades lúdico-pedagógicas especialmente dirigidas à comunidade escolar, desde o ensino do 1.º ciclo até ao 3.º Ciclo, que envolve, para além dos alunos, os professores e os auxiliares de ação educativa.

Tem também disponível atividades para a população no geral, nomeadamente eventos em datas comemorativas, com o objetivo de promover as boas práticas para uma cidade ambientalmente mais sustentável.

Este programa chama-se Educação Ambiental e dispõe também de mais dois projetos interessantes para a comunidade em geral. Um deles é “Cidade também é campo”, que se destina aos todos os cidadãos e que permite vivenciarem a agricultura em meio urbano. Bem como um livro, “O Ambiente nas nossas mãos - 20 ideias, muitos gestos.”, de distribuição gratuita, que tem como quadro de referência o contexto urbano, as temáticas ambientais, energéticas e os valores de uma cidadania ativa.

Pretendo associar a este projeto, as Juntas de Freguesia, escolas com projetos idênticos, bibliotecas municipais e associações ambientais como a Quercus, Green Peace ou WWF.

4.5. Estratégias

- Levar as crianças a conhecer o novo espaço na biblioteca
- Promover a apresentação de livros mais simbólicos
- Realizar a demonstração de vídeos
- Incentivar às atividades práticas
- Fazer a divulgação do projeto na escola
- Promover palestras
- Convidar escritores e contadores de histórias
- Promover peças de teatro sobre temática
- Decorar a biblioteca para que seja atrativa
- Criar uma área dedicada às atividades práticas sustentáveis
- Promover visitas de estudo sobre o tema do projeto

4.6. Objetivos:

– Objetivos gerais:

- Promover atitudes sustentáveis
- Sensibilizar a comunidade escolar
- Criar um espaço ecológico em todas as bibliotecas de fácil acesso

– Objetivos específicos:

- Promover espaços destinados ao ambiente nas bibliotecas
- Criar uma comunidade ecológica nas escolas
- Permitir que vivenciem experiências ecológicas
- Implementar medidas para tornar a comunidade escolar mais ecologicamente responsáveis

4.7. Planeamento

1.ª Fase – investigação e sensibilização

- Falar com toda a comunidade escolar e expor o problema principal da escola;
- Verificar se existe espaço e fundos na escola para elaborar uma zona específica na biblioteca apenas para livros sobre o ambiente;
- Contactar entidades competentes que queiram associar-se ao projeto de forma a torná-lo possível;
- Convidar escritores e contadores de histórias que possam dinamizar a temática na escola;
- Construir um “Cantinho Ecológico”, onde todos os livros transmitem uma mensagem ecológica;
- Investigação de projetos idênticos noutras escolas e tentar intercambio de informação e livros para que possamos ter sempre novidades.

2.ª Fase – trabalho de campo

- Recolha do máximo de livros através de pedidos a associações e a outras escolas e bibliotecas municipais, pedir aos pais e restante comunidade escolar;
- Elaborar trabalhos práticos para que os alunos se possam envolver de forma prática com a temática.

3.ª Fase – intervenção na escola e na comunidade

- Organizar um evento na escola para dar a conhecer o novo espaço e o projeto que foi pensado e elaborado para aquele espaço;
- Elaborar várias palestras para que tanto os alunos como toda a comunidade escolar possa usufruir das informações partilhadas no evento;
- Convidar professores, escritores e contadores de histórias que estejam de alguma forma envolvidos com o projeto e com a temática.

4.8. Recursos

Materiais

- Bancadas
- Estantes
- Decorações ecológicas (utilizar materiais ecológicos para decoração das estantes com os livros sobre a temática).
- Livros

- Materiais necessários para realização de atividades práticas (lixo reciclado, papel, plásticos, entre outros)

Humanos

- Corpo docente e não docente da escola
- Comunidade escolar (pais, familiares)
- Diretor da escola
- Presidente das associações ambientais
- Escritores e contadores de história
- Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
- Gabinete responsável pela área ambiental de Lisboa

4.9. Produtos Finais

- Elaborar uma visita guiada à escola e em particular à biblioteca para se apresentar o novo projeto e explicar como será explorado;
- Organizar uma festa ecológica com bancas com diversos produtos e informações sobre o que foi feito ao longo do ano no projeto;
- Venda de obras de arte feitas nas atividades práticas;
- Elaborar um artigo sobre o projeto no jornal da escola e distribuição à comunidade escolar.

4.10. Avaliação

1 – Do processo

- Verificar com os alunos e comunidade escolar se a implementação do projeto trouxe benefícios e que tipo de benefícios
- Preenchimento de tabelas de auto e heteroavaliação (Anexo 1)

2 – Do produto final

- Benefícios da implementação do projeto;
- Sucesso do projeto;
- Adesão por parte da comunidade escolar e alunos;
- Aquisição de conhecimentos por parte dos alunos;
- Exposição e divulgação do projeto.

4.11. Calendarização do projeto

Quadro 7 – Calendarização do projeto ao longo do ano letivo

	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Motivação/ Negociação										
Objetivos										
1. ^a Fase										
2. ^a Fase										
3. ^a Fase										
Produtos Finais										
Avaliação										

4.12. Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo aprender a elaborar um projeto que pudesse ser implementado numa escola. O meu tema principal foi “Cultivar habilidades emocionais e sociais com Ecoliteracia” e o meu subtema foi a Ecoliteracia.

Foi necessária uma vasta investigação sobre o tema e sobre como elaborar um trabalho projeto. Qual a importância da educação ambiental nas escolas, bem como verificar as necessidades nas escolas de trabalhar este tema de forma lúdica.

A ideia de construir uma zona reservada na biblioteca onde apenas tenham livros sobre uma determinada temática parece simples e com pouco efeito, mas na verdade senão houver uma zona destacada estes livros passam despercebidos e pouca utilidade terão.

Com esta área bem destacada e bem assinalada e apresentada, tanto a alunos como a própria comunidade escolar é um incentivo para que todos consigam fazer um trabalho conjunto pelo ambiente e pelo bem-estar de todos.

Muitas vezes o tema ambiente é “temido” junto dos docentes, pois são temas que não dominam e que têm medo de arriscar e de tentar abordar por não terem técnicas ou estratégias para explorar. No entanto, com a elaboração deste tipo de projetos e com a parceria entre entidades responsáveis ou mesmo com outras escolas, pode existir uma partilha de ideias e materiais para que tanto os professores como os educadores consigam e tenham à vontade de abordar o tema sem represálias.

Este trabalho poderá ter sucesso, pois acredito que, após a implementação deste projeto, a visibilidade que a temática ambiente teria nas escolas iria ser considerável, e até levaria a envolvimento de toda a comunidade escolar, bem como a partilha. As crianças iam gostar, certamente, de ver reconhecido os seus trabalhos e a sua dedicação a causa tão nobre.

É sempre importante pensarmos como eles quando se trata de trabalhos ou projetos onde eles estejam incluídos, uma vez que eles são o nosso ponto inicial e principal.

Quadro 12 - Ficha de auto e heteroavaliação do produto final do projeto

Auto e Heteroavaliação do Produto Final					
Indicadores	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Interesse do projeto					
Uso a biblioteca					
Interesse pelo tema					
Participação no projeto					
Leitura					
Realização de atividades práticas					
Participou ativamente no projeto					
Os objetivos foram atingidos					
O projeto correu como esperado					

Considerações Finais

A realização do presente relatório tem como objetivo, o relato e a reflexão do estágio profissional exercido desde do início deste ciclo de estudos.

O estágio, realizado ao longo deste ano e meio, decorreu numa escola no concelho de Lisboa, com a frequência de duas vezes semanais com a carga horária de 12 horas. Tendo em conta que o meu ciclo de estudos é apenas em Educação Pré-Escolar, todo o meu estágio profissional foi realizado em salas dessa valência, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

É lema da Escola Superior de Educação João de Deus promover uma prática profissional de excelência. Assim, a prática e o incentivo ao estágio profissional, quer ao longo da licenciatura, quer do mestrado, são bem visíveis e desafiantes. Considero essencial, que no curso em questão esta prática seja exigida e realizada, pois é essencial que qualquer futuro educador e professor deva experienciar os desafios em grupos variados e diferentes ambientes de trabalho.

Ao longo do estágio profissional tive o privilégio de aprender com bons educadores e pude observar diferentes estratégias, formas de estar e de gerir as crianças. Visualizei a utilização de diferentes materiais nas mais diversas áreas, e principalmente, o que considerei mais importante, foi a preocupação que os educadores tinham em que a criança adquirisse o conhecimento sempre de forma lúdica e desafiante. Todas as atividades e materiais são pensadas, antecipadamente, nas crianças, com planificação em função das mesmas e sempre com a preocupação de atingir o grupo e não apenas para as crianças com maior ou menor dificuldade.

Através da prática profissional adquirimos, estratégias, metodologias e conhecimentos essenciais, que serão fundamentais quando exercermos a nossa profissão. O contacto direto com crianças de diferentes idades, culturas, crenças, valores e saberes, cria na estagiária, uma perceção daquilo que poderá encontrar quando começar a exercer, e prepara-nos, para saber lidar e compreender melhor determinadas situações.

Cabe também ao educador, criar e proporcionar às crianças, atividades que liguem os seus conhecimentos prévios, aos conteúdos que são falados na escola. É importante interligar conhecimentos, tornando as atividades mais úteis e interessantes.

O objetivo de realizar as atividades, é poder colocar em prática todas as estratégias, técnicas e materiais que aprendemos com as educadoras, e ganharmos experiência de estar responsável por um grupo durante um dia e sabermos reagir e responder ao que as crianças nos pedem ou com situações que surjam e que tenhamos que resolver. Inclusivamente todo o processo de elaborar uma atividade, tem um grande trabalho anterior, uma vez que quando decidimos realizar uma atividade para um determinado grupo de crianças temos vários pontos que temos de seguir, tais como, escolher o tema que desejamos explorar, os objetivos que temos para aquela atividade, quais os conteúdos que queremos que as crianças adquiram com a atividade, quais os materiais que vamos utilizar e quais as estratégias. Após toda este planeamento, passamos então para a planificação da atividade, e conseqüente avaliação, pois ao realizarmos uma atividade temos como objetivo que a criança adquira conhecimentos, e para sabermos se esses conhecimentos foram ou não apreendidos, através da avaliação contínua que fazemos.

Depois de todos estes passos essenciais, será vez de colocarmos tudo em prática e, no final, junto da educadora do grupo, verificarmos se os conteúdos foram bem explicados e se a postura, estratégia e o material foi adequado à atividade e aplicável ao grupo. Para qualquer estagiária é importante a opinião e o *feedback* da educadora da sala onde realizamos a atividade, é também crucial que a relação educadora/estagiária seja boa, para que a partilha e a interajuda seja plena e de acordo com as necessidades. Na mesma linha de pensamento, Durão & Almeida (2016) afirmam:

A relação interpessoal entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário é determinante do sucesso ou insucesso da prática da supervisão. Assim, o tempo destinado à construção de uma relação interpessoal positiva e tão ou mais importante, que o tempo dedicado a objetivos de natureza científica e pedagógica. (p. 80)

Com a realização deste estágio profissional, pudemos aprender, conhecer novas práticas e refletir sobre elas. Foram registados as observações do estágio, apresentadas em narrativas de estágio com inferências e fundamentação teórica. Foram analisadas e discutidas as planificações, realizadas as atividades elaboradas nas salas de atividades, e avaliadas as propostas de atividades que desenvolvemos com as crianças.

Considero interessante referir que no final do semestre realizei a minha última aula avaliada pelas orientadoras da prática pedagógica, e foi perceptível, até pelas críticas das orientadoras, que tive uma evolução considerável. Senti-me muito mais

espontânea, sem tantos medos ou inseguranças, e apesar de ainda ter uma longa evolução pela frente, acho que o estágio realizado ao longo de todos estes anos, torna-nos muito mais aptas para iniciar a nossa vida profissional.

No final apresentámos um trabalho projeto, com o intuito de ser aplicado em qualquer escola que faça parte da nossa atividade profissional no futuro.

A maior dificuldade que encontrei ao realizar este relatório foi na pesquisa que realizei, pois nem sempre foi possível encontrar os livros necessários para fundamentar, e mesmo na construção do próprio relatório.

Outra limitação prende-se com o facto de estar a realizar o primeiro trabalho científico de pesquisa, com esta estrutura e características, obedecendo, rigorosamente, às normas APA.

No futuro tenciono continuar a procurar formações e *workshops* relacionados com a área, para dar resposta às dificuldades das crianças, limitações ou estratégias diversificadas de ensino, bem como pesquisa de materiais ou aplicações úteis à melhoria.

Tanto a nível pessoal como profissional tenciono crescer e aprender mais para ajudar a concretizar atividades que sejam importantes, eficazes e lúdicas, para que as crianças tenham vontade de aprender sempre mais, que sejam elas a sentir necessidade de pesquisar e querer saber mais e que eu, enquanto educadora, seja apenas o veículo e o elo de ligação, da dúvida e do interesse, para a resolução e concretização do seu saber.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L., & Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGRAW-HILL.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdicos-manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Bolhão, A. (2013) *Contribuição do estágio curricular para a formação académica e profissional dos estagiários – Estudo de caso numa instituição de ensino superior*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Botas, D. (2008). *A utilização dos materiais didáticos nas aulas de matemática: Um estudo no 1.º ciclo. Tese de Mestrado em Ensino das Ciências, Ensino da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Caldeira, M. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa. Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M., Pereira, P., & Botelho, T. (2017). *Supervisão e avaliação da prática profissional no ensino superior. In Revista científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 47-69.
- Carvalho, I., & Nunes, L. (2012). *Referencial de educação rodoviária para a educação pré-escolar e o ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência – Direção Geral da Educação.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática. Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Deus, M. (1997). *Método João de Deus - Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Associação Jardins-Escolas João de Deus.

Durão, R., & Almeida, J. M. (2017). Alunos estagiários da formação inicial – Uma proposta de guião orientador. *In Revista Científica Educação para o Desenvolvimento*, 4, 70-89.

Fazenda, I. C. A. (1994). *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus.

Gesteiro, M. (2013). *A valorização da expressão plástica no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar em situações de risco, atraso de desenvolvimento ou com NEE*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Guapo, A. (2006). *Estudo de caso – avaliação da exposição permanente do museu da ciência da Universidade de Coimbra – “Segredos da luz e da matéria”*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jolibert, J. (1984). *Formar crianças leitoras*. Lisboa: Edições ASA.

Laia, J. (2012). *Relatório de estágio profissional – Mestrado em ensino dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Luís, D. (2013). *Relatório de estágio. Estudo do meio: os animais no âmbito da educação pré-escolar e do ensino do 1.º ciclo do ensino básico*. Açores: Universidade dos Açores – Departamento de Ciências da Educação.

Magalhães, V. (2008). *A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder*. In O. Sousa e A. Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F., & Pereira, S. J. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental*. Lisboa: Ministério da Educação, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F. (2009). *Despertar para a ciência. Atividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação.

Moreira, D., & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nicolau, S. (2014). Relatório final – *A viagem de uma estagiária no mundo do pré-escolar*. Coimbra: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra.

Nova, E. V. (1999). *Educar para o ambiente – Projetos para a área – escola*. Lisboa: Texto Editora.

Oliveira, M. (2001). *A escultura contemporânea: um veículo na educação artística infantil. Saber e Educar*. Lisboa: APEI.

Palma, J. (2003). *Manual de práticas ambientais para o 1.º ciclo do ensino básico*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

Pires, M. N. (1995). António Torrado e a tribo dos feiticeiros visionários. In M. J. Costa (org). António Torrado. *Coleção uma pequenina luz bruxuleante... 1*. 36-39. Porto: Civilização Editora.

Pereira, M. (1992). *Didática das ciências da natureza*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ponte, J. P., & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática no 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ramos A. M., & Ramos R. (2013). *Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros*. Recuperado em 2016, agosto 23, https://www.researchgate.net/publication/258368963_Ecoliteracia_e_literatura_para_a_infancia_quando_a_relacao_com_o_ambiente_toma_conta_dos_livros

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sá, J. G. (1994). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto: Porto Editora.

Silva, I. L. (coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.

Smith, M. J. (1998). *Manual de ecologismo – Ruma à cidadania ecológica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. (2002). *Manual de investigação em educação de infância*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Tavares, L. (2014). *As barras de cuisenaire e a sua pertinência na estimulação de competências matemáticas em crianças autistas: Um estudo de caso*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.

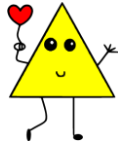
Thouin, M. (2010). *Despertar as crianças para as ciências e as tecnologias – Experiências para crianças dos 3 aos 7 anos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vygotsky, L. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

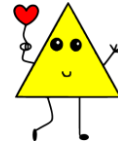
Zabalza, M. A. (1987). *Didática da educação infantil*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Anexos

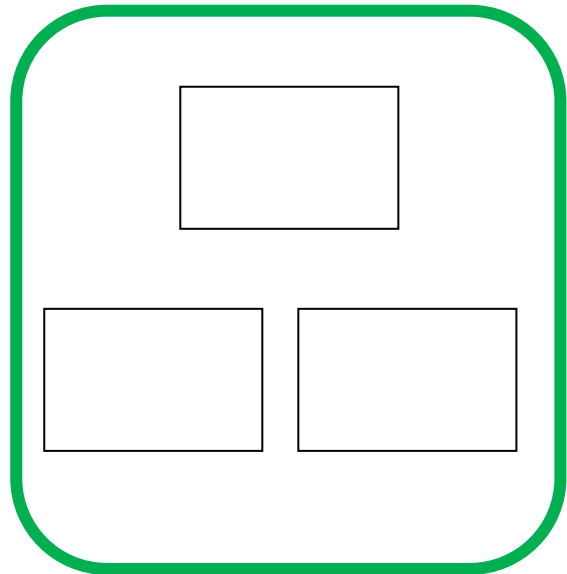
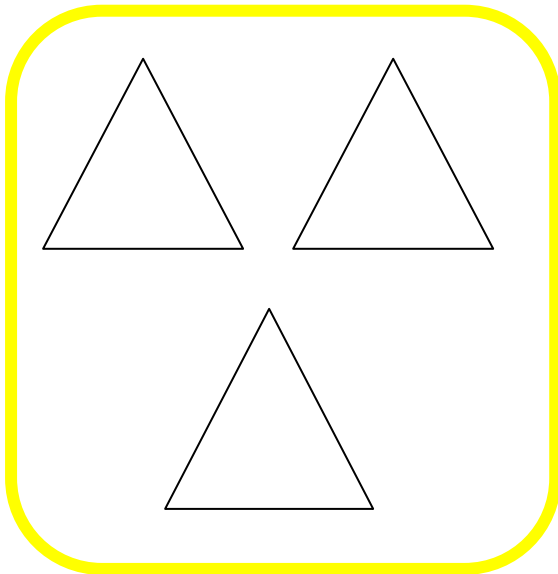
Anexo 1 – Dispositivos de Avaliação do domínio da matemática



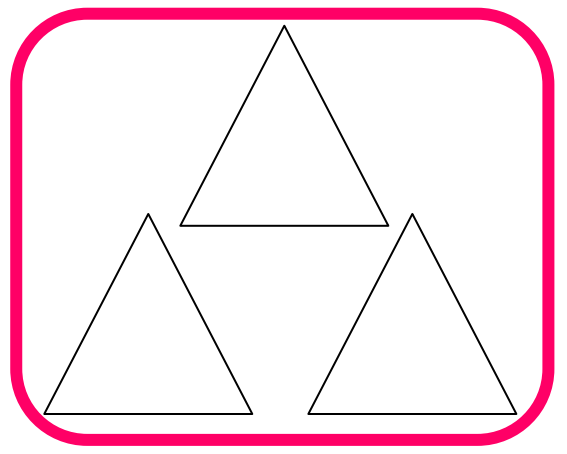
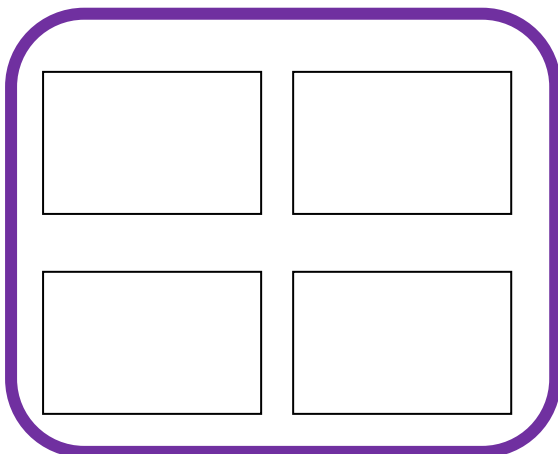
Jardim Escola de Lisboa
Domínio da Matemática



1. Pinta os triângulos de amarelo
- 1.1 Pinta os retângulos de verde



- 1.2. Circunda o número que corresponde à quantidade de retângulos e triângulos



1	2	3	4
---	---	---	---

1	2	3	4
---	---	---	---

Nome: _____ Data: _____

Anexo 2 – Dispositivo de avaliação da atividade do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

Jardim Escola de Lisboa

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Nome: _____ Data: _____

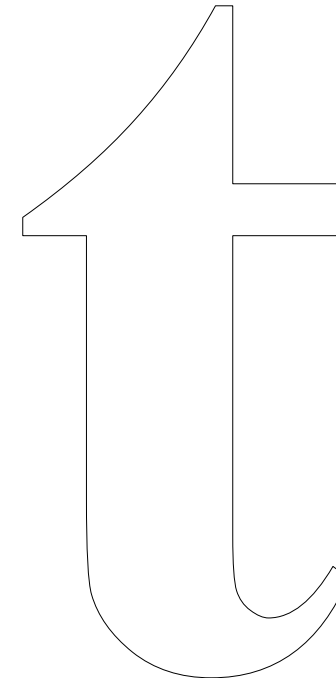
1. Circunda na adivinha a letra /t/ com lápis de cor encarnado.

3. Preenche a letra /t/ com pedacinhos de papel de lustro.



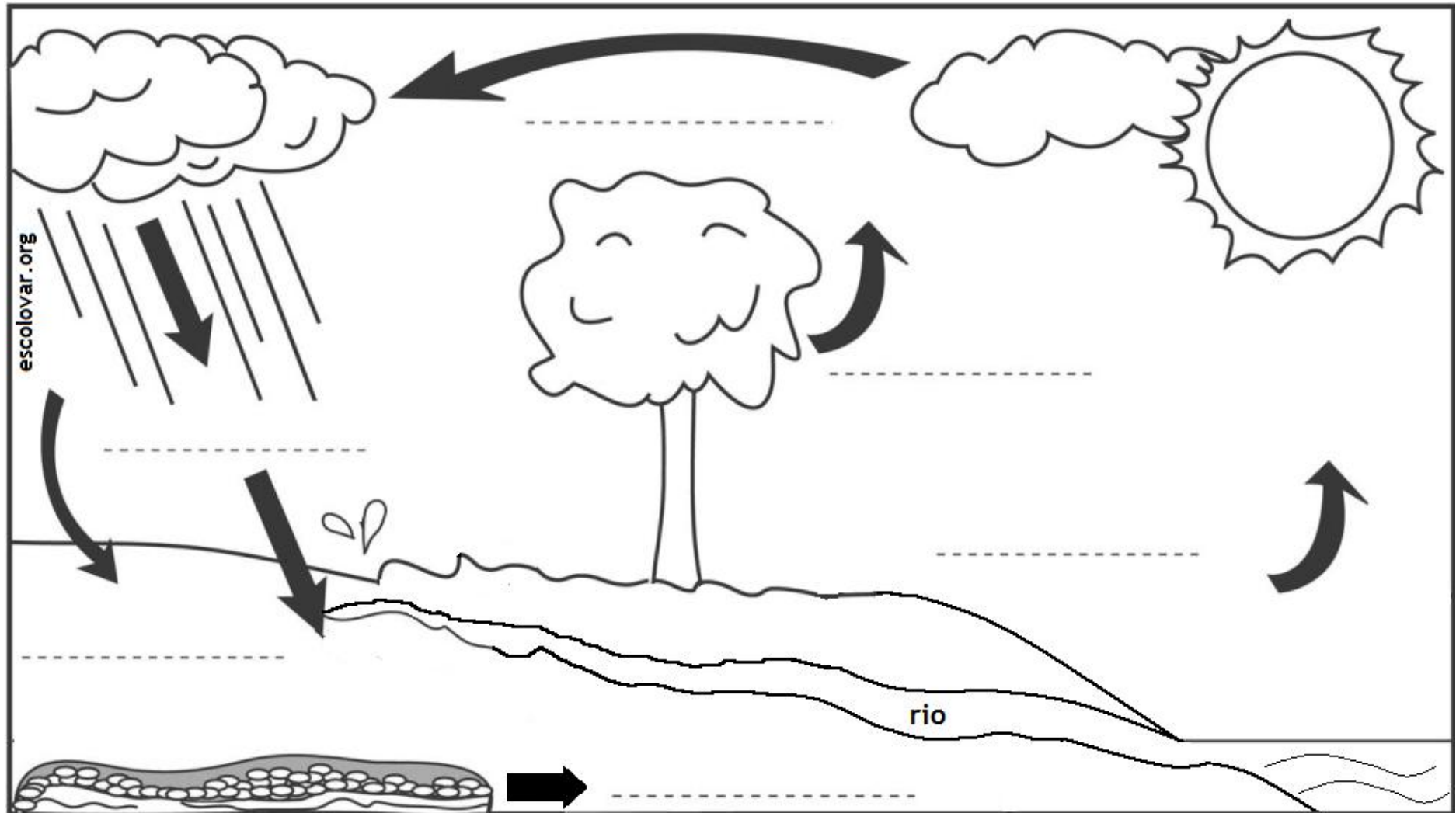
Tem no Tita e no tapete,
Tem no telhado e na tigela.
Tem na tesoura e na Titia,
e na tampa da panela.

2. Faz o grafismo da letra /t/, com lápis de carvão.



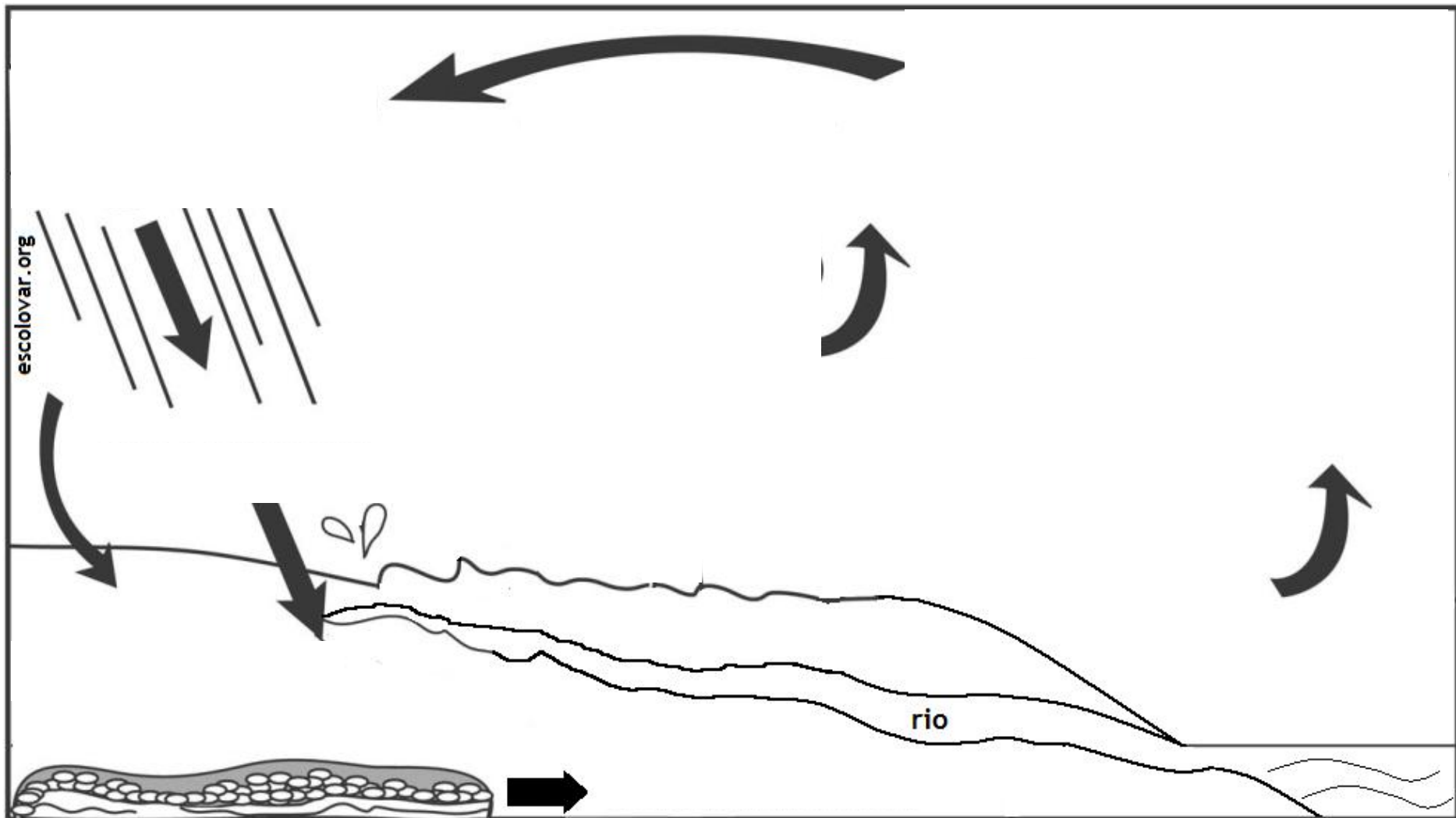
**Anexo 3 – dispositivo de avaliação da atividade da área do conhecimento
do mundo**

JARDIM ESCOLA DE LISBOA
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO

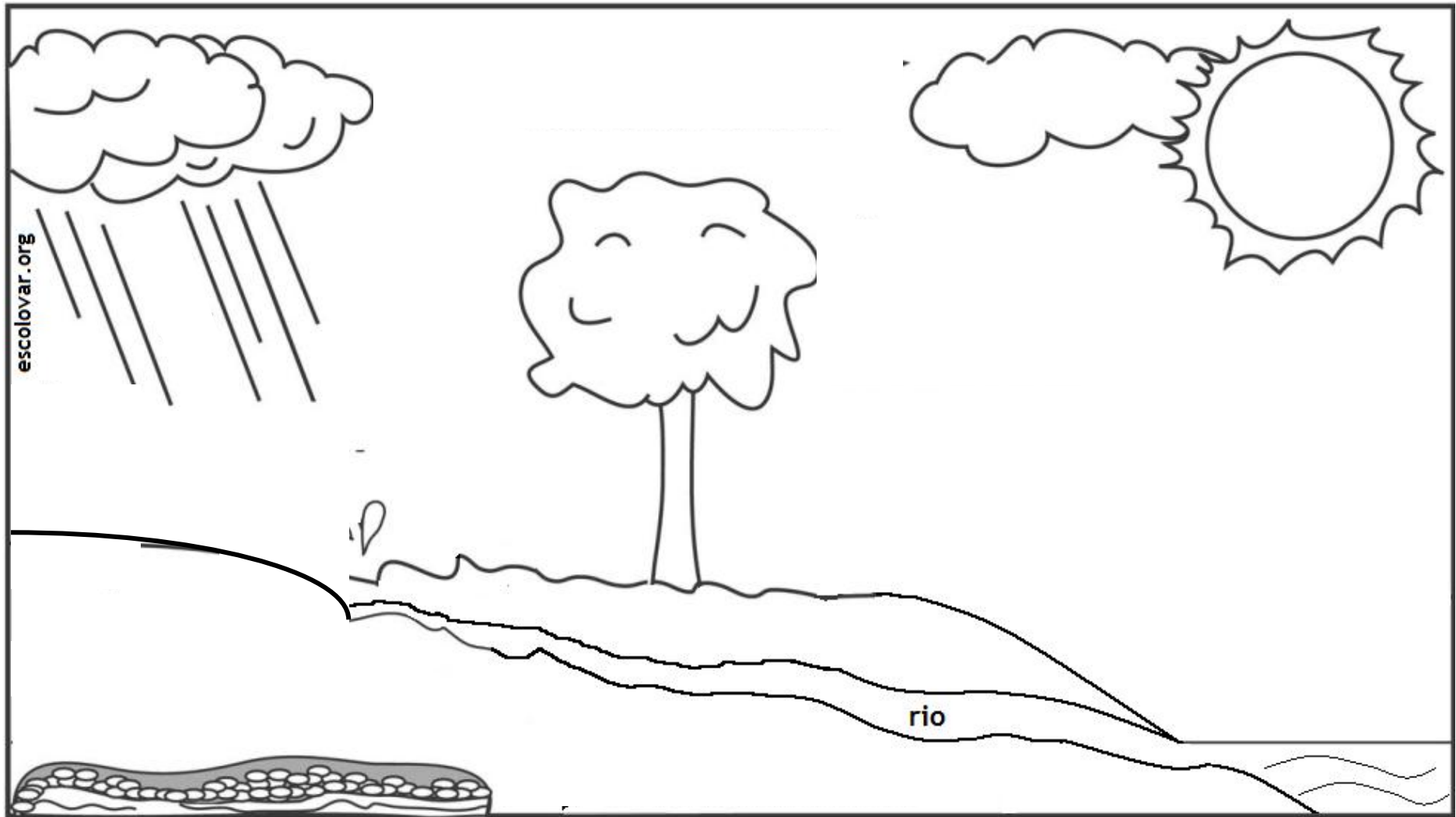


Nome: _____ Data: _____

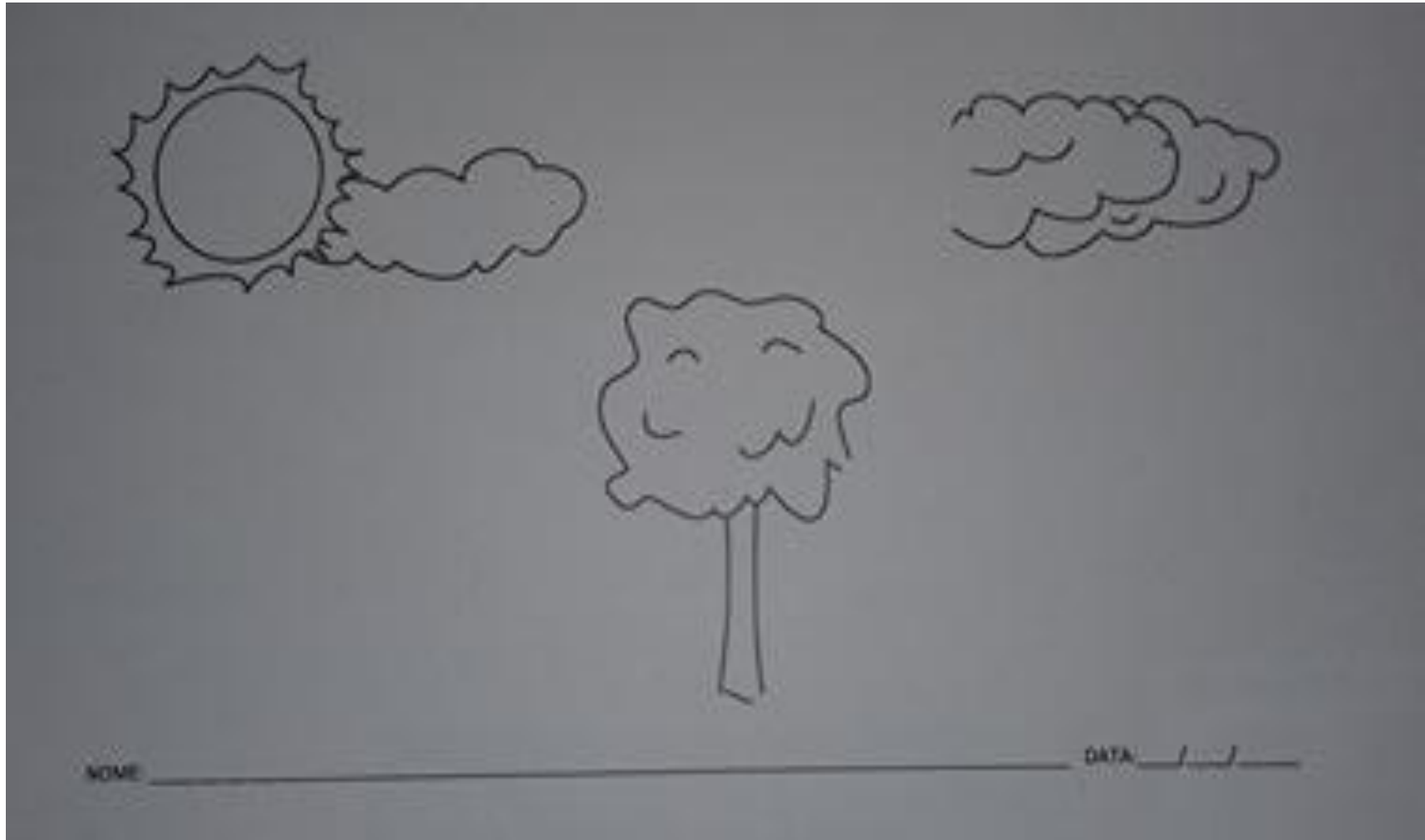
JARDIM ESCOLA DE LISBOA
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO



JARDIM ESCOLA DE LISBOA
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO



JARDIM ESCOLA DE LISBOA
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO



Atividade proposta e realizada pela estagiária do MEPE, Cláudia Rosa nº 1.

JARDIM ESCOLA DE LISBOA
ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO



Anexo 4 – grelha de avaliação da atividade do domínio da matemática

	Parâmetros	1	2	3	4	Total
	Cotações	3	4	1,5	1,5	10
Nº	Alunos					
1	A	1,5	2	0,5	0,5	4,5
2	B	2	3	1	1	7
3	C	1	4	1	1	7
4	E	2	3	0,5	0,5	6
5	F	1	3	1	1	6
6	G	0,5	4	1	1	6,5
7	H	0,5	2	1,5	1	5
8	I	1	2	1	1,5	5,5
9	J	1,5	3	1	1,5	7
10	K	1	2	1	1	5
11	L	0,5	3	0,5	0,5	4,5
12	M	0,5	1	0,5	0,5	2,5
13	N	1	4	1,5	1	7,5
14	O	1,5	3	0,5	1	6
15	P	1	4	1,5	1,5	8
16	Q	1	4	0,5	1,5	7
17	R	1,5	3	1	0,5	6
18	S	0,5	2	1	0,5	4
19	T	1	2	0,5	1,5	5
20	U	0,5	1	0,5	1	3
21	V	1,5	3	1	1	6,5
22	W	1,5	2	1	0,5	5
23	X	1	4	1,5	1	7,5
24	Y	0,5	3	1,5	1,5	6,5
25	Z	1	3	1	1,5	6,5
Média Aritmética						5,8

**Anexo 5 – grelha de avaliação da atividade do domínio da linguagem oral
e abordagem à escrita**

		Parâmetros	1	2	3	Total
		Cotações	6	2	2	10
Nº	Alunos					
1	A	3	2	3	8	
2	B	2	1	1	4	
3	C	2	2	1	5	
4	E	3	1	1	5	
5	F	4	2	2	8	
6	G	4	2	1	7	
7	H	4	2	2	8	
8	I	3	1	2	6	
9	J	5	1	1	7	
10	K	5	1	2	8	
11	L	6	2	1	9	
12	M	6	2	1	9	
13	N	6	2	1	9	
14	O	1	1	1	3	
15	P	2	1	1	4	
16	Q	2	2	2	6	
17	R	4	1	2	7	
18	S	4	2	1	7	
19	T	5	0	1	6	
20	U	4	1	2	7	
21	V	5	1	2	8	
22	W	2	1	2	5	
23	X	2	2	1	5	
24	Y	6	2	2	10	
25	Z	6	1	2	9	
Média Aritmética						6,8

Anexo 6 – grelha de avaliação da atividade da área do conhecimento do mundo

	Parâmetros	1	2	3	Total
	Cotações	3	4	3	10
Nº	Alunos				
1	A	3	2	3	8
2	B	1	3	1	5
3	C	2	2	1	5
4	E	1	3	1	5
5	F	3	4	2	9
6	G	3	4	1	8
7	H	1	4	2	7
8	I	2	2	2	6
9	J	2	2	1	5
10	K	2	3	2	7
11	L	3	3	2	8
12	M	3	1	1	5
13	N	3	3	1	7
14	O	1	2	3	6
15	P	3	3	2	8
16	Q	2	1	3	6
17	R	3	1	3	7
18	S	1	4	3	8
19	T	3	4	1	8
20	U	2	2	1	5
21	V	3	2	3	8
22	W	3	1	3	7
23	X	1	1	2	4
24	Y	2	4	2	8
25	Z	3	4	3	10
Média Aritmética					6,8